

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO**

ALCIMAR DA SILVA

**ANÁLISE DO COMPORTAMENTO INFORMACIONAL DIGITAL DE ALUNOS DA
EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: ESTUDO DE CASO DO CURSO DE BACHARELADO
EM BIBLIOTECONOMIA EAD DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)**

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2023

ALCIMAR DA SILVA

**ANÁLISE DO COMPORTAMENTO INFORMACIONAL DIGITAL DE ALUNOS DA
EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: ESTUDO DE CASO DO CURSO DE BACHARELADO
EM BIBLIOTECONOMIA EAD DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Ciência
da Informação da Universidade Federal de
Sergipe para obtenção de grau de bacharel
em Biblioteconomia e Documentação.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra dos
Santos Araújo

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2023

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)

S586a	Silva, Alcimar da Análise do comportamento informacional digital de alunos da educação à distância : estudo de caso do curso de bacharelado em Biblioteconomia EAD da Universidade Federal de Sergipe (UFS) / Alcimar da Silva ; Orientadora Dra. Alessandra dos Santos Araujo. – São Cristóvão, 2023. 72 p. : il. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) – Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Ciência da Informação, 2023. 1. Comportamento informacional digital. 2. EAD. 3. Curso de Biblioteconomia e Documentação. 4. AVA. 5. UFS. I. Araujo, Alessandra dos Santos, Orient. II. Título. CDU: 028.1:057.8 CDD: 028
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário(a): Maria Egleide Silva Santos – CRB 5/2030

**ANÁLISE DO COMPORTAMENTO INFORMACIONAL DIGITAL DE ALUNOS DA
EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: ESTUDO DE CASO DO CURSO DE BACHARELADO
EM BIBLIOTECONOMIA EAD DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)**

ALCIMAR DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Ciência
da Informação da Universidade Federal de
Sergipe para obtenção do grau de
Bacharel em Biblioteconomia e
Documentação.

Orientador: Profa. Dra. Alessandra dos
Santos Araújo

Data da apresentação:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Alessandra dos Santos Araújo
(Orientadora – DCI/UFS)

Profa. Dra. Flávia Lopes Pacheco
(Membro convidado externo – DSE/UFS)

Profa. Dra. Telma de Carvalho
(Membro convidado – DCI/UFS)

“A persistência é o caminho do êxito”

Charles Chaplin

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma discussão sobre o comportamento informacional dos discentes do curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal de Sergipe (UFS) no acesso e uso da informação em ambientes digitais. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi analisar o comportamento informacional digital e as dificuldades dos alunos do curso de Biblioteconomia à distância da UFS no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). A metodologia utilizada para desenvolvimento deste estudo foi a pesquisa exploratória e descritiva, amparada na abordagem qualitativa. O procedimento utilizado foi o estudo de caso e a coleta de dados foi realizada através da aplicação de questionário digital, elaborado por meio do *Google Forms*. Além disso, foi utilizado o modelo de comportamento informacional de Wilson (1999, 2000), a fim de analisar como ocorre a busca e o acesso à informação, quais são as necessidades e dificuldades dos discentes nesse processo. Como resultado, percebeu-se que o comportamento informacional digital dos alunos interfere diretamente em sua aprendizagem, principalmente devido à falta de habilidades tecnológicas dos discentes. Por fim, concluiu-se que o desenvolvimento da competência informacional em ambientes digitais é essencial para que os discentes acessem e usem a informação de forma eficiente e eficaz em prol de sua aprendizagem, principalmente quando a educação é realizada na modalidade de ensino EAD.

Palavras-chave: Comportamento informacional digital. EAD. AVA. Biblioteconomia. UFS.

ABSTRACT

This research presents a discussion about the informational behavior of the students of the course of Librarianship and Documentation of the Federal University of Sergipe (UFS) in the access and use of information in digital environments. In this sense, the objective of this work was to analyze the digital informational behavior and the difficulties of the students of the distance learning Librarianship course of UFS in the Virtual Learning Environment (VLE). The methodology used to develop this study was exploratory and descriptive research, supported by the qualitative approach. The procedure used was the case study and data collection was carried out through the application of a digital questionnaire, developed through Google Forms. In addition, the informational behavior model of Wilson (1999, 2000) was used in order to analyze how the search and access to information occurs, what the needs and difficulties of students in this process are. As a result, it was noticed that the students' digital informational behavior interferes directly in their learning, mainly due to the students' lack of technological skills. Finally, it was concluded that the development of informational competence in digital environments is essential for students to access and use information efficiently and effectively for the benefit of their learning, especially when education is conducted in the distance learning modality.

Keywords: Digital informational behavior. ODL. VLE. Library Science. UFS.

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

ABED	Associação Brasileira de Educação à Distância
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
EAD	Ensino à Distância
ABMES	Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CESAD	Centro de Educação Superior a Distância
CONEP	Conselho do Ensino, e da Pesquisa
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
CI	Ciência de Informação
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
MOODLE	Modular Object Oriented Distance Learning
PPN	Projeto Pedagógico Nacional
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UFS	Universidade Federal de Sergipe

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Principais eixos em Ambientes Virtuais de Aprendizagem.....	27
Figura 2 –	Modelo de Comportamento informacional de Thomas Wilson.....	35
Figura 3 –	Modelo do Sense-making de Dervin.....	37
Figura 4 –	Modelo de Fases do comportamento na busca informacional de Ellis	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Terminologias da EAD	17
Quadro 2 –	Principais características dos materiais didáticos presentes em AVAs	25
Quadro 3 –	Principais elementos tecnológicos utilizados em AVAs	28
Quadro 4 –	Modelo Information Search Process de Carol Kuhlthau	39
Quadro 5 –	Modelo de Comportamento informacional de Chun Wei Choo ..	41

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Faixa etária dos participantes da pesquisa	47
Gráfico 2 -	Dispositivos tecnológicos utilizados pelos discentes para acessar o curso	48
Gráfico 3 -	Recursos digitais do AVA utilizados pelos discentes	49
Gráfico 4 -	Ferramentas do AVA utilizadas pelos discente	50
Gráfico 5 -	Frequência de uso dos recursos digitais do AVA	51
Gráfico 6 -	Tempo médio de utilização dos recursos do curso no AVA	52
Gráfico 7 -	Nível de conhecimento dos recursos disponibilizados no AVA ...	53
Gráfico 8 -	Dificuldades enfrentadas pelos discentes ao utilizar os recursos digitais do curso	55
Gráfico 9 -	Nível de satisfação dos discentes com os recursos digitais fornecidos pelo AVA	56
Gráfico 10 -	Interferência do aprendizado devido às dificuldades de acesso..	57

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1	Educação à distância no Brasil	15
2.2	Curso de Biblioteconomia EAD na UFS	20
2.3	Desafios da EAD	22
2.4	Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA, MOODLE)	25
2.5	Navegação em ambientes virtuais de aprendizagem	31
2.6	Comportamento informacional digital	33
3	METODOLOGIA	44
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	46
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
	REFERÊNCIAS	61
	APÊNCIDE A – TCLE	70
	APÊNCIDE B – QUESTIONÁRIO DIGITAL	71

1 INTRODUÇÃO

A educação à distância (EAD) pode ser definida como uma modalidade de ensino que possui como característica principal o uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC) para subsidiar a interação entre o professor e o aluno e promover a aprendizagem de forma síncrona ou assíncrona, independentemente da localização geográfica e atemporal de ambos. O ensino à distância é baseado em características-chave como flexibilidade, acessibilidade, conveniência e inovação, o que vem expandindo e mudando a história da educação no Brasil.

Em números, de acordo Haas e Garcia (2021), o crescimento percentual de matrículas no ensino a distância apresenta um crescimento anual de 3,8%, segundo os censos do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED). Outro ponto abordado, mostra que a EAD tem continuamente se difundido com o aumento na variedade de cursos, o que atrai a atenção para novos alunos.

A modalidade EAD é considerada como uma tecnologia sem fronteiras, que potencializa as práticas pedagógicas e favorece a ampliação de novos modelos de educação, sendo vista como elemento fundamental para a inclusão social no Brasil (COSTA, 2008). Através da educação à distância, as intuições de ensino superior conseguem suprir as demandas educacionais em distintas localidades do país e ajudar aqueles que não dispõem de tempo para se dedicar aos cursos presenciais.

Como também, o diferencial do ensino à distância é a possibilidade de investimento em novas estratégias interativas e dinâmicas como vídeos, jogos, conteúdos interativos e muito mais, o que é mais vantajoso em comparação ao ensino tradicional.

Com o constante desenvolvimento da educação à distância no nosso país, no que se refere à Biblioteconomia, surge especificamente em um contexto voltado à educação continuada: extensão e pós-graduação lato sensu. Em respeito à graduação, apesar de haver algumas iniciativas privadas, estas são insuficientes para atender a demanda latente neste nível de formação. Soma-se a isto o fato de que os cursos de Biblioteconomia atualmente existentes não formam um número suficiente de profissionais para assumir a diversidade de postos de trabalho.

O avanço tecnológico contribuiu para que o processo de aprendizagem à distância fosse mais flexível e interativo para os alunos e professores, o que

consequentemente fez aumentar o número de ingressos nos cursos ofertados na modalidade EAD. É nesse contexto que o governo brasileiro passou a estabelecer parcerias para desenvolver cursos de graduação em Biblioteconomia, na modalidade à distância, por ser uma estratégia para alcançar os índices necessários de formação de pessoal.

Um dos resultados dessas iniciativas governamentais foi a Universidade Aberta, com o objetivo de possibilitar que o acesso à educação seja facilitado e possível para todos. A implantação da Universidade Aberta do Brasil (UAB)¹ foi um grande marco, tendo em vista que, em 2004, no âmbito do Fórum das Estatais, os primeiros passos já haviam sido dados. Outro aspecto levantado e constante no Projeto UAB diz respeito à proposição da criação de uma Fundação privada com o objetivo de dar apoio à UAB em todas as ações que dela fossem emanadas.

A universidade aberta do Brasil foi apresentada pelo Projeto de Lei nº 1.878, em 1974, visando instituir a universidade aberta no país. Entendida como uma instituição de nível superior, voltada a promover o ensino por meio de processos de comunicação à distância. Na época, o projeto foi arquivado, voltando a funcionar apenas em 2006.

Com o surgimento das tecnologias de comunicação e interação social, foi possível que novos modelos de ensino fossem desenvolvidos através do uso de plataformas virtuais, como é o caso do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). O AVA é um sistema de gestão responsável pela distribuição e gerência de conteúdo, com a finalidade de proporcionar aos alunos acesso à educação, além de possibilitar sociabilização, por meio da interação remota entre os usuários.

O comportamento informacional atua como um processo de obtenção, recuperação e utilização da informação de forma eficiente (COSTA, 2017). Sua prática favorece a diminuição dos problemas enfrentados pelas pessoas durante o acesso e uso de informações, seja no ambiente virtual ou não, o que também é facilitado pelo uso das TIC. A partir dessas considerações, desenvolveu-se como problema de pesquisa: Quais são as dificuldades percebidas pelos alunos do curso de Biblioteconomia à distância da UFS no ambiente virtual de aprendizagem (AVA)?

Para compreender o comportamento informacional do indivíduo é importante destacar que o comportamento humano diante dos canais e fontes de informação

¹ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/politica-de-educacao-inclusiva?id=12265> Acesso em: 16 fev. 2023.

relaciona-se com aspectos tanto informativos quanto relacionadas ao próprio usuário da informação. Por esse motivo, o objetivo deste trabalho é analisar o comportamento informacional digital e as dificuldades dos alunos do curso de Biblioteconomia à distância da UFS no ambiente virtual de aprendizagem (AVA). Para este propósito, os objetivos específicos propõem:

- Identificar as dificuldades e habilidades tecnológicas dos alunos no uso dos recursos e das ferramentas do AVA;
- Demonstrar como os alunos utilizam as tecnologias de informação e comunicação para a busca, seleção e uso de informações digitais dentro do AVA;
- Propor recomendações para o aprimoramento do comportamento informacional digital dos alunos, visando subsidiar a coordenação e os professores que atuam no curso.

A presente pesquisa foi desenvolvida através de um estudo de caso com os alunos do curso de Biblioteconomia na modalidade à distância da UFS. Trata-se de um estudo de natureza básica, de cunho bibliográfico, exploratório e descritivo, com abordagem quali-quantitativa. A coleta dos dados foi realizada através da aplicação de questionários aos discentes do curso, para que posteriormente fosse analisado as respostas em consonância às implicações teóricas apresentadas pela revisão da literatura.

Esta pesquisa se justifica pela possibilidade de analisar o comportamento informacional dos alunos de graduação em Biblioteconomia EAD da UFS, bem como, identificar os principais problemas e dificuldades enfrentados por estes, no processo de aprendizagem no ambiente virtual de aprendizagem (AVA).

Por meio do conhecimento gerado nessa pesquisa, é possível identificar os aspectos e necessidades presentes nesse contexto e permitir o desenvolvimento de estratégias e atividades centrados nas necessidades e comportamento informacional dos alunos de forma a promover melhorias nos ambientes e metodologias presentes no AVA.

Por fim, esta monografia está vinculada à Linha de Pesquisa 5 – Informação e Tecnologia, por abordar temáticas relacionadas as tecnologias utilizadas para possibilitar a troca de informação e a comunicação, através da otimização de

ambientes informacionais digitais de aprendizagem.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nessa sessão é apresentado o percurso evolutivo dos cursos de Biblioteconomia EAD no Brasil, através da análise bibliográfica presente em bases de dados, bem como, abordar os principais desafios dos alunos EAD e alguns dos principais ambientes de virtuais de ensino/aprendizagem (AVA e Moodle) e suas principais características.

Descrever os aspectos da navegação e prática nos ambientes virtuais de aprendizagem na modalidade EAD e apresentar os aspectos do comportamento informacional a partir de diversos autores com a finalidade de entender por meio de inúmeras vertentes as características fundamentais atreladas ao comportamento informacional.

2.1 Educação à distância no Brasil

De acordo com o Ministério da Educação – MEC (2005), a educação à distância consiste na modalidade educacional, onde o processo de ensino-aprendizagem e a mediação didático-pedagógica se dão por intermédio das tecnologias digitais utilizadas para produzir informação e para realizar a comunicação entre e com a comunidade educacional, onde uma das principais características da modalidade é o desenvolvimento de atividades educativas entre professor e aluno, independente do espaço e tempo.

O modelo de ensino EAD já possui vários anos desde a sua criação e disseminação pelo mundo. Após a Segunda Guerra Mundial, a demanda por mão de obra qualificada foi bastante necessária, esse novo meio de ensino foi vital para suprir a precariedade daquele período, o que viabilizou uma forma de superar a deficiência educacional caracterizada na época (JANSEN; COSTA, 2017), que devido a fatores econômicos e sociais o acesso à educação era restrito as “classes superiores” da população.

No Brasil, sua criação se desencadeou por meio de decretos governamentais e iniciativas privadas, acompanhando o desenvolvimento tecnológico do país. Desse modo, a EAD ultrapassou a era do correio, do rádio e da televisão, até chegar à era da internet, e consequentemente nesse percurso, atrelada a inúmeros erros e acertos,

contradições e incoerências, previstas ou não, através de circunstâncias diversas (GOMES, 2013). Ainda, o autor defende que o EAD é bastante utilizado como triunfo de diversos governos, como uma forma de minimizar a defasagem educacional e ampliar o acesso ao ensino em diversas regiões do país, de forma menos onerosa em termos financeiros aos governos.

O ensino à distância teve seu início no século XX, com ensino através dos correios. Em 1923, com os avanços tecnológicos evoluiu para o ensino através do rádio. Com a criação da Fundação Roberto Marinho, que com a parceria da Fundação Padre Pedro, colocou em 1978 no ar o telecurso 1º e 2º grau. No transcorrer dos anos, em 1979 foi criada a Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa (FCBTE/ MEC). Assim, de 1979 a 1983 é iniciada em perfil experimental a Pós-graduação Tutorial à distância, com intuito de capacitar estudantes no interior do país (KENSKI, 2003 apud JANSEN; COSTA, 2017).

A inserção da tecnologia no ambiente educacional permitiu o acesso à educação de forma ampla, corrigindo falhas e deficiências existentes na modalidade convencional, principalmente para as pessoas que não possuem o perfil e os requisitos para estudar de forma presencial, onde o tempo é um fator considerado imprescindível para aqueles que não dispõem de tempo hábil ou se descolar até o local de ensino. Como também, o acesso à educação à distância facilitou o acesso as pessoas com deficiência física ou com mobilidade reduzida a adentrarem no ensino superior, o que é um aspecto positivo.

Segundo Mugnol (2009, p. 337), o “[...] desenvolvimento das telecomunicações com meios interativos, a relativa popularização do computador e da internet [...]”, são os fatores que proporcionaram uma evolução contínua da EAD, pois o avanço acelerado das TIC proporcionou a essa modalidade de ensino maior visibilidade e um aumento nas ofertas de cursos em diversos níveis de formação, desde cursos de capacitação até cursos de graduação e pós-graduação.

Este ensino é desenvolvido com metodologias específicas, onde a distância existente entre aluno-professor, não é um fator determinante para que ocorra interação entre os alunos e entre aluno-professor, pois esse processo ocorre através dos instrumentos tecnológicos (HAAS *et al.*, 2019). Nesse sentido, foi através dessas tecnologias que o aprendizado se efetiva, mesmo que ambos não estejam no mesmo ambiente (VAZ *et al.*, 2022). Tendo em vista o que foi apresentado, vale ressaltar, no período de mais de 100 anos, como tem variado no tempo a terminologia da

modalidade de educação conhecida genericamente no Brasil como EAD, como mostra o quadro 1 a abaixo:

Quadro 1 – Terminologias da EAD

TERMINOLOGIA MAIS USUAL	PERÍODO APROXIMADO DE DOMÍNIO
Ensino por correspondência	Desde a década de 1830, até as três primeiras décadas do século XX
Ensino a distância; educação a distância; educação permanente ou continuada	Décadas de 1930 e 1940
Teleducação (rádio e televisão em broadcasting)	Início da segunda metade do século XX
Educação aberta a distância	Final da década de 1960 (ICDE e <i>Open University</i> , Reino Unido)
Aprendizagem a distância; aprendizagem aberta e a distância	Décadas de 1970 e 1980
Aprendizagem por computador	Década de 1980
E-learning; aprendizagem virtual	Década de 1990
Aprendizagem flexível	Virada do século XX e a primeira década do século XXI

Fonte: Litto e Formiga (2009, p. 44)

Para Mugnol (2009), existem dois fatores importantes para que as instituições ofereçam o ensino EAD, o primeiro, é o distanciamento entre professor e aluno, e o segundo, se refere à comunicação através do uso das tecnologias e das mídias digitais e sociais, ocasionando, eventualmente, a necessidade de investimento financeiro em tecnologias que viabilizem a interação entre os pares, quebrando os paradigmas do ensino tradicional formada pelo modelo de ensino presencial, caracterizado pela figura do professor e do aluno no espaço da sala de aula.

Na modalidade EAD, o aprendizado, em quase sua totalidade, ocorre de forma

autônoma. Portanto, o aluno deve buscar a informação, analisa-la e ter a capacidade de fazer inferências e produzir seu conhecimento, caracterizando uma aprendizagem independente e flexível (YONEZAWA; BARROS, 2013). De forma complementar Oliveira e Nascimento (2020, p. 10) destacam que “[...] o educando necessita se colocar como um ator ativo de sua própria aprendizagem”, visto que, o professor não está presente em todo tempo no ambiente de aprendizagem.

Na visão de Yonezawa e Barros (2013, p. 36), o EAD pode ser entendida como “a família de métodos instrucionais nos quais os comportamentos de ensino são executados em separado dos comportamentos de aprendizagem”. Os autores destacam também que a comunicação entre o professor e o aluno ocorre por intermédio de dispositivos eletrônicos ou mecânicos, materiais impressos, entre outros. O autor completa apontando que os principais aspectos voltados para a estrutura e à forma desse ensino são: as referências políticas, os eixos de implementação de ações e a condução das metas.

O EAD teve seu conceito oficial, como primeiro princípio estabelecido, a partir da sua regulamentação através do decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998, estabelecendo esse método de ensino como meio de autoaprendizagem com a mediação de recursos didáticos, uma gama de suportes de informação muito bem organizados, que seriam utilizados isoladamente ou combinados e transmitidos pelos diversos meios de comunicação (LITTO; FORMIGA, 2009). Para contextualizar a ideia do EAD, Oliveira e Santos (2020) informam que é preciso levar em conta a sua forma de ensino.

[...] salienta-se descrever a EaD como um sistema tecnológico de comunicação bidirecional, com capacidade de abrangência coletiva de interlocutores, que se consolida como proposta alternativa de substituir a interação pessoal na sala de aula entre professor e aluno como meio preferencial de ensino pela ação sistemática e conjunta de diversos recursos didáticos, com apoio de uma organização e tutoria que propiciem uma aprendizagem independente e flexível. Conforme proposto, essa modalidade de ensino marca sua principal diferença ao ensino tradicional pelo fato de contornar fatores como a dependência e supervisão direta e sistemática do educador (OLIVIERA; SANTOS, 2020, p. 7).

Vale salientar que a educação à distância tem uma divisão entre o planejamento e a execução do ensino, pois mesmo que o planejamento das disciplinas seja realizado seguindo todos os parâmetros pedagógicos e institucionais,

muitas vezes é necessário adequar o conteúdo e estratégias de ensino as necessidades informacionais e de aprendizagem dos alunos.

Além disso, observa-se que também há uma divisão do processo de ensino e aprendizagem, que, por conseguinte, são pensados e executados de maneiras distintas, o que caracteriza uma fragmentação no aspecto relacionado ao trabalho docente nessa modalidade de ensino (BELLINASSO; NOVAES, 2018).

No Brasil, a modalidade de ensino EAD tem crescido de maneira exponencial e positiva no país. Fato que esse que tem impulsionado os professores e os profissionais que atuam nessa área, ou que estão envolvidos em atividades e projetos relacionados ao ensino à distância, busquem aperfeiçoamento, seja por motivos profissionais, diante de necessidades específicas, ou de forma voluntária por questões pessoais (VILAÇA, 2010). O mercado de trabalho é flexível e mutável, o que requer dos profissionais constante desenvolvimento de habilidades para atuarem em novos contextos, com novos problemas e necessidades.

Corroborando com essa afirmativa, a Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior (ABMES) destaca em seu Censo, realizado em 2020, o aumento expressivo de matrículas nos cursos à distância no Brasil, superando as matrículas dos cursos presenciais, tanto nas redes públicas de ensino quanto nas redes privadas.

Os aspectos que favoreceram esse cenário são a flexibilidade do estudo, o que favorece o acesso e manutenção para aqueles alunos que têm uma rotina agitada com estudo, trabalho e família, por exemplo, e as mensalidades com custo mais acessível, possibilitando o acesso ao ensino superior/especialização para aquelas pessoas com uma renda mensal baixa ou média.

É fato que a evolução do ensino à distância é decorrente do avanço tecnológico, pois a disposição do ensino no âmbito tecnológico, de graduação e pós-graduação são realizados por meio de instrumentos tecnológicos que facilitam a produção e disponibilização de conteúdo e a comunicação e interação entre os participantes dos cursos, alunos e professores.

Desse modo, toda e qualquer instituição interessada em dispor essas modalidades deverá estar apta em aspectos legais, técnicos e funcionais, de acordo com a regulamentação e instruções direcionadas pelo MEC, além da necessidade de solicitar junto ao MEC o credenciamento para atuar no ensino EAD e ser autorizada a liberar os cursos a que se propõe disponibilizar (COSTA; FARIA, 2008).

A educação à distância caracteriza-se como modalidade educacional na qual a

mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2005). Esta definição está presente no Decreto 5.622, de 19.12.2005, que revoga o Decreto 2.494/98, e que é regulamentada pelo Art. 80 da Lei nº 9.394 de 1996 da nova LDB.

Vale destacar a importância da criação da Universidade aberta do Brasil (UAB) em 1986, criada por uma comissão de especialistas do MEC e Conselho Federal de Educação. A UAB surgiu de ideais para viabilizar a Universidade Aberta, baseando-se em proposta semelhante com a criação da Open University, na década de 70, na Inglaterra (ROZADOS; BARBALHO, 2015). Com o passar do tempo, foi instituída no ano de 2006, pelo decreto n. 5.800, onde aborda no artigo 1º que:

O sistema UAB é voltado para o desenvolvimento da modalidade de educação à distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País. Configurando sua motivação em estimular a formação inicial e continuada – e aligeirada de professores, em busca da melhoria da qualidade da educação básica (GOMES, 2013. p. 15).

Fato reforçado por Costa e Oliveira (2013, p. 101), quando destacam que o Sistema UAB “constitui-se como um programa capaz de possibilitar a expansão e a interiorização da oferta de cursos de educação superior no Brasil por meio da articulação e integração entre Instituições de Ensino Superior, municípios e Estados”. Fato que impulsionou ainda mais a oferta de cursos e programas de ensino superior à distância no país, quando o MEC em conjunto com a ANDIFES e empresas estatais através de consórcios para fortalecer o ensino à distância (RUSSO *et al.*, 2012).

2.2 Curso de Biblioteconomia EAD na UFS

É relevante salientar que a nível nacional, em 2008, deu-se início ao planejamento para a viabilização do curso de Biblioteconomia à Distância no país. Isso só foi possível graças a junção de três órgãos que se somaram para a concretização desse fato. Assim, a UAB, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) uniram-se para a criação do curso na modalidade EAD.

Contudo, coube às instituições prioritariamente públicas a responsabilidade de ofertar este curso, onde as mesmas já disponibilizavam os cursos presenciais, uma vez que, estas instituições teriam recursos e infraestrutura disponível para atender as necessidades dessa modalidade. Atualmente, existem 14 instituições que podem oferecer o Curso Nacional de Biblioteconomia na Modalidade a Distância (BibEaD). Tendo como destaque a Universidade Federal de Sergipe (UFS) a primeira a iniciar as atividades acadêmicas do curso de Biblioteconomia nessa modalidade (TORNQUIST, 2020).

Esta última citada está fundamentada na Resolução Nº 23/2018 do Conselho do Ensino, da Pesquisa e da Extensão CONEPE da UFS, relatando em seu Artigo 1º a aprovação do Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Biblioteconomia a Distância do Centro de Ciências Sociais e Aplicadas e em sua Resolução Nº 24/2018 a aprovação e inclusão dos componentes curriculares no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe.

No que se refere ao Projeto Político Pedagógico (PPN) do Curso de Biblioteconomia na modalidade a distância da UFS, de acordo com o CAPES/MEC as vagas disponibilizadas para o curso são disponibilizadas através de vestibular organizado pela Coordenação Geral do Centro de Educação Superior a Distância (CESAD) da UFS. Ainda de acordo com o PPN, o CESAD dispõe de um Núcleo de Tecnologia que possui como uma de suas atribuições principais gerenciar o ambiente virtual de aprendizagem e elaborar rotinas informatizadas para gerir todos os processos internos do CESAD.

Os polos pertencentes ao CESAD que ofertam vagas para o Curso de Bacharelado em Biblioteconomia EAD da UFS estão presentes nos municípios sergipanos de: Arauá, Carira, Brejo Grande, Estância, Japaratuba, Lagarto/Colônia Treze, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Glória, Poço Verde, Porto da Folha, Propriá, São Cristóvão (polo sede) e São Domingos. Estes polos estão sob a coordenação da Professora Doutora Telma de Carvalho, eleita pelo Conselho do Departamento de Ciência da Informação da UFS.

De acordo com Tornquist (2020), em sua pesquisa sobre o panorama dos cursos de biblioteconomia EAD no Rio Grande do Sul, às Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Biblioteconomia, foram estabelecidas a partir dos Pareceres CNE/CES 492/2001 e CNE/CES 1.363/2001, bem como pela Resolução CNE/CES 19/2002. Segundo a autora, estas vieram a definir o perfil dos formandos

na área, enumeraram suas competências e habilidades para o exercício da profissão, ressaltaram a necessidade dos estágios, atividades complementares e avaliações institucionais.

Após a conclusão deste Curso de Biblioteconomia, na modalidade à distância, o discente receberá o título de Bacharel em Biblioteconomia. Em termos legais, de acordo com a lei nº 9.674, de 25 de junho de 1998, o exercício da função de bibliotecário é exclusivo para os bacharéis em Biblioteconomia, onde em seu artigo 3º afirma que o exercício da profissão é privativo para os portadores de diploma no curso, expedido por instituições de ensino superior, oficialmente reconhecidas e registradas nos órgãos competentes.

2.3 Desafios da EAD

Com toda inovação e evolução advindos dos avanços tecnológicos, que contribuem para o desenvolvimento da EAD, no século XXI a modalidade ainda enfrenta certos desafios que tendem a gerar ressalvas a respeito da sua real eficácia. Esses desafios percorrem todo o processo de ensino-aprendizagem e a infraestrutura necessária para ofertar essa modalidade de ensino, pois observa-se que apesar dos avanços tecnológicos e científicos serem constantes, não são todos os alunos que possuem condições financeiras suficientes para terem em mãos os melhores e modernos aparelhos para acessarem os conteúdos dos cursos.

Entre os desafios existentes, também é possível citar que a adaptação, por parte dos professores, para utilização e manuseio das mídias e sistemas digitais é um processo muito lento, pois esses recursos estão a todo tempo sendo atualizados, dessa forma que é imprescindível a capacitação do professor para que seja possível o uso e ensino aos alunos sobre a utilização plena desses sistemas e tecnologias (VAZ *et al.*, 2022). Nesse contexto, é primordial que o professor compreenda as possibilidades, características e potencialidades dessa modalidade de ensino e buscar sua capacitação em termos pedagógicos e tecnológicos para atuar na EAD (VILAÇA, 2010).

Como a EAD quebra as estruturas de tempo e espaço advindas do ensino tradicional, outro desafio existente é preparação do curso, pois, por muitas vezes o material é construído por um professor conteudista, que não atua diretamente nas aulas dos cursos. Outro fator preocupante é o distanciamento entre o professor e o

aluno, mesmo que as vias tecnológicas possibilitem a comunicação tanto o aluno como o professor estão acostumados a uma comunicação síncrona², oral e contando com outros recursos (LAPA; PETTRO, 2010). Em relação à elaboração dos materiais didáticos Padilha e Selvero (2012, p. 3) comentam que:

[...] é de extrema importância para que esta modalidade de ensino possa realmente ser significativa para os discentes, transformando-se em um dos principais fatores responsáveis pela motivação dos alunos. Ao se planejar uma disciplina para a EaD, deve-se explorar os recursos oferecidos pelos ambientes virtuais de aprendizagem, como por exemplo, a possibilidade de inserção de áudios e imagens, e principalmente, o uso das ferramentas de chats e fóruns.

Um desafio latente presente no ensino à distância é a participação do aluno, o desafio de mantê-lo focado, motivado, envolvido na construção do seu próprio conhecimento, são fatores primordiais para o sucesso do aprendizado, é nesse viés que surge o tutor como ponte entre os alunos e a instituição formadora, cuja função maior é a orientação pedagógica (VAZ *et al.*, 2022). Nesta perspectiva, Padilha e Selvero (2012, p. 5) comentam que:

A motivação pode ser considerada como um anseio consciente de modificar, de explorar e de experimentar, na qual o aluno é quem decide o que e como fazer. Com isso, percebemos que a motivação tem um papel diferencial no processo de ensino/aprendizagem, de maneira que ela pode ser vista como o desejo consciente de modificar, de explorar e de experimentar, na qual o estudante apresenta uma decisão explícita de fazer o curso [...], bem como demonstrar interesse em participar ativamente das aulas com a consciência de que pode aprender.

A interatividade por parte do tutor, no ambiente virtual de aprendizagem se torna altamente relevante. Para incentivar a participação dos discentes e evitar sua ausência e conseqüentemente uma possível desistência, ou retardar o processo de aprendizagem. Assim, os tutores online junto com os professores EAD, exercem um papel essencial no desempenho das atividades presentes no ambiente de ensino, a fim de amenizar os desafios e dar qualidade ao processo de ensino (SILVA *et al.*, 2014).

Desse modo, com o crescimento da modalidade à distância, o perfil profissional

² Comunicação realizada através da interação entre o emissor e o receptor da mensagem.

do professor tem sofrido relevantes mudanças trazendo novas demandas, competências e posturas para o exercício da profissão, que requer um novo modelo de interação para criar novas conexões com os estudantes, engajando-os e motivando-os no processo de ensino a distância (HAAS; GARCIA, 2021).

Outro ponto crucial é a valorização do estudante EAD, devido ao preconceito de muitas pessoas em relação a essa modalidade, mesmo com muitos incentivos, ainda existem dúvidas em termos da veracidade de sua qualidade (PRADO; ROSA, 2008). Todavia, existem muitas pessoas e instituições que não valorizam este tipo de formação, acreditando que o ensino presencial ainda é o mais qualificado. Faria e Salvadori (2010, p. 21) complementam que:

[...] a EaD não é uma modalidade de ensino de qualidade inferior às tradicionais. Não há dúvida que existem preconceitos, porém a EaD não carece de aparato legal e, por vezes falta conhecimento dos próprios profissionais que atuam na área sobre a legislação que ampara o trabalho que desempenham. O aspecto legal é um ponto fundamental para derrubar preconceitos com relação a EAD e deixar cada vez mais claro a seriedade dessa modalidade de ensino, bem como o fato de que se pode aprender tanto quanto num modelo tradicional.

Por fim, e não menos importante a democratização e acesso, sendo necessária a participação do Poder Público em viabilizar e estimular políticas de desenvolvimento para a educação. E fornecer condições de acesso a redes de internet gratuitas, gerar recursos e condições para que as populações mais carentes tenham condições de adquirir computadores e periféricos, e assim oferecer condições mínimas para o desenvolvimento no âmbito educacional (VAZ *et al.*, 2022).

Nesse sentido, Yonezawa e Barros (2013, p. 38) destacam que “o acesso e a democratização, no que diz respeito aos cursos a distância, contemplem não somente a oferta de cursos, mas também o acesso ao equipamento, ao recurso e principalmente às condições de ambiência, rotina de uso do computador e seus recursos”, pois de nada adianta o indivíduo ter a possibilidade de entrar em um curso e não ter condições de acessar os conteúdos e se comunicar com os docentes, além do ambiente familiar e inúmeras condições que dificultam o aprendizado de forma autônoma.

2.4 Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA, MOODLE)

A terminologia que define o AVA se caracteriza por descrever o conjunto de sistemas envolvidos e necessários à gestão da aprendizagem on-line. Esses ambientes geram processos que envolvem desde a criação do curso até a disponibilização do material didático. Na construção do material didático disponibilizado no AVA, várias mídias e recursos tecnológicos podem ser utilizadas, para promover um processo de ensino-aprendizagem interativo e robusto. Nesse contexto Munhoz e Carneiro (2009 apud CASARIN; OLIVEIRA, 2012) apresentam no quadro 2, as principais características que devem estar presentes nesses materiais.

Quadro 2 – Principais características dos materiais didáticos presentes em AVAs.

CARACTERÍSTICA	DESCRIÇÃO
Interatividade	Permite ao aluno um papel ativo no processo de construção do seu conhecimento.
Praticidade	Disponibiliza as informações de forma fácil para que o aluno entenda o conteúdo.
Autonomia	Permite ao aluno navegar livremente pelo ambiente virtual, propiciando o autoestudo.
Consistência	Deve ser coerente com o plano e as metas da disciplina. Deve ser dinâmico, incentivar a exploração e valorizar o conhecimento já adquirido pelos alunos.

Fonte: Munhoz e Carneiro (2009, apud CASARIN; OLIVEIRA, 2012).

O AVA viabiliza ainda a interação entre aluno e professor, vindo a desempenhar um papel crucial nos processos de ensino e de aprendizagem (SILVA *et al.*, 2014). De forma complementar, o ambiente virtual de aprendizagem é “definido como um ambiente de interação virtual construído a partir de tecnologias computacionais,

contribuindo para a promoção da educação on-line” (SEBASTIÃO, 2015, p. 133). Nesse sentido, o AVA visa permitir a transmissão dos conteúdos e promover a comunicação entre os envolvidos.

O AVA viabiliza por meio da internet espaços virtuais com acesso à informação e inúmeros recursos. Por meio do AVA, o usuário terá acesso ao material para estudo e materiais disponibilizados para download, bem como poder se comunicar com os professores/tutores ou até mesmo colegas de curso. Outro recurso é realizar atividades e avaliações, como também todo e qualquer processo administrativo/pedagógico (PEREIRA *et al.*, 2007).

E nesse aspecto ele se caracteriza por se tornar um ambiente de práticas educativas para a construção do conhecimento, associado às tecnologias informacionais, que por sua funcionalidade, atuam como agente facilitador das relações pessoais e o trabalho colaborativo (MARTINS *et al.*, 2016).

Para Felipe (2013), é relevante apontar que uma das prioridades pertencentes a Ciência da Informação (CI) é garantir a disseminação da informação de várias formas, com a finalidade de incentivar o crescimento do indivíduo e, atuar como meio para a inclusão social, educacional e profissional. Dessa forma, o autor acredita que a CI destaca-se, como área voltada para os estudos dos fenômenos, processos e construções de informação, que o acesso e uso da informação de forma efetiva e eficiente pelo usuário é fator crucial no desenvolvimento de ambientes virtuais de aprendizagem.

Nesse contexto, o AVA busca recriar o ambiente de sala de aula promovendo o encontro entre professor e aluno de forma on-line. Através desse ambiente o professor atua como mediador do conhecimento por meio de recurso como chats, fóruns de discussões, vídeos, áudios, textos e slides, com o intuito de criar mecanismos para que o aluno promova o auto estudo e a geração de conhecimento (VASCONCELOS *et al.*, 2020). A geração de conhecimento pode ser identificada nas palavras de Hetkowski (2007), no que se refere os AVAs mediados pelas TIC:

[...] representam espaços virtuais preñhes de possibilidades, de potencialidades e de atualizações constantes. São universos sem fronteiras onde os participantes podem agenciar inúmeros eventos simultaneamente e, assim, colaborar e cooperar com o jogo aprender. O jogo aprender cria novos discursos, amplas argumentações, respeita as resistências, dinamiza as ações, valoriza as linguagens,

enfim, estabelece um laço social de respeito mútuo (HETKOWSKI, 2007, p. 1).

A escolha dos recursos e ferramentas disponibilizadas pelos ambientes virtuais de aprendizagem devem promover tanto a interação quanto a colaboração no processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento do conhecimento, com vista a atender as necessidades do público-alvo (PEREIRA *et al.*, 2007). Nesse sentido, Pereira *et al.* (2007) apresenta os principais eixos e recursos tecnológicos utilizados com maior frequência em ambientes virtuais de aprendizagem apresentados na figura 1, a seguir:

Figura 1 - Principais eixos em Ambientes Virtuais de Aprendizagem



Fonte: Pereira *et al.* (2007, p. 9).

Seguindo a perspectiva dos autores, é possível ver que os principais recursos tecnológicos, utilizados nesses ambientes podem ser agrupados em quatro eixos: 1. Informação e documentação (permite apresentar as informações institucionais do curso, veicular conteúdos e materiais didáticos, fazer upload e download de arquivos e oferecer suporte ao uso do ambiente); 2. Comunicação (facilita a comunicação síncrona e assíncrona); 3. Gerenciamento pedagógico e administrativo (permite acessar as avaliações e o desempenho dos aprendizes, consultar a secretaria virtual

do curso, entre outros); 4. Produção (permite o desenvolvimento de atividades e resoluções de problemas dentro do ambiente). Para cada um desses eixos, de forma complementar são apresentados seus principais elementos (Quadro 3):

Quadro 3 - Principais elementos tecnológicos utilizados em AVAs

EIXO	ELEMENTOS
Informação e documentação	- Hipermídias de conteúdo em html, Flash ou similar; - Aplicações em Java; - Quadro de avisos contendo informações breves de encaminhamento de atividades e novidades; - Catálogo de cursos e a listagem de novos cursos; - Agenda do curso para o controle de atividades; - Servidor de arquivos para inserção (diversos formatos de arquivo, tais como pdf, doc, jpg) e gerenciamento de documentos; - Ferramenta de ajuda como tutoriais e FAQ's, mapa do site e sistemas de buscas; - Glossário; - Mideateca e webteca (tipo de biblioteca onde são disponibilizados arquivos em diversos formatos); - Portfólio (lugar para armazenamento de arquivos do aluno em relação ao desenvolvimento de seus trabalhos no curso).
Comunicação	- Fórum (sistema de comunicação assíncrona); - Chat (ferramenta de comunicação síncrona); - E-mail (sistema de comunicação assíncrona); - Ambiente colaborativo 2D (ferramenta de comunicação síncrona que integra chat e quadro-branco para desenho); - Ambiente colaborativo 3D (ferramenta de comunicação síncrona que integra chat e ambiente VRML para passeio virtual); - Contato com os participantes do curso (professor/tutor, apoio técnico, monitor, aprendizes e secretaria).
Gerenciamento pedagógico e administrativo	-Notas de trabalhos e exercícios; - Trabalhos e exercícios desenvolvidos; - Histórico de conteúdos visitados; - Número de participações em fóruns e chats; - Grupos de trabalhos; - Sistema para avaliação, publicação de notas e histórico de disciplinas cursadas;

	- Sistema de controle para cadastro e pagamentos; - Agenda de cursos para anotação e controle de atividades; - Criação e controle de cursos.
Produção	- Editor on-line para o desenvolvedor alterar o conteúdo ou a estrutura html, dos textos, das figuras e das fórmulas matemáticas de uma página dinamicamente; - Editor Wiki (software para o trabalho conjunto de criação de textos); - Diário de resolução de atividades; - Conjunto de atividades, tarefas e problemas; - Aplicativos específicos, por exemplo, laboratórios interativos.

Fonte: Adaptado de Felipe (2013, p. 10).

O AVA requer do docente que direciona o curso ou matéria uma mudança de postura, incentivando uma postura mais reflexiva e a formulação das metodologias de ensino que viabilizam um resgate para incentivar a proatividade dos estudantes. Em contrapartida, a postura do docente tende a sofrer alterações, assumindo a função de mediador das atividades de aprendizagem, sejam elas dúvidas ou questionamentos, propostas, difusão de ideias. Todos esses procedimentos é que tornam as AVA's essenciais recursos na construção do conhecimento (FELIPE, 2013).

Atualmente existem diversos AVA's, entretanto um dos mais utilizados nos espaços educacionais no Brasil hoje é o MOODLE (*Modular Object Oriented Distance Learning*) intitulado um software livre, ou seja, gratuito que pode ser baixado em qualquer lugar do mundo, tendo a possibilidade de ser modificado. Este vem sendo utilizado por várias instituições, criando uma grande rede colaborativa que possibilita desde correções à criação de novas ferramentas e métodos pedagógicos para uso do ambiente e da sua interface (MUNHOZ; CARNEIRO, 2009).

Entendido como uma plataforma de aprendizagem o Moodle dentre outras, caracteriza-se por criar ambientes de aprendizagem personalizados. A plataforma proporciona aos seus usuários um sistema seguro, integrado e robusto. Devido à existência de uma gama de recursos, recomenda-se que os gerenciadores da conta, no caso os professores, recebam treinamento e capacitação para a familiaridade e uso eficaz da plataforma (FONTES *et al.*, 2021). Em meios mais técnicos Sabbatini (2007, p. 2) considera que:

O Moodle é uma aplicação baseada na Web, e consta de dois

componentes: um servidor central em uma rede IP, que abriga os scripts, softwares, diretórios, bancos de dados, etc. e clientes de acesso a um ambiente virtual (que é visualizado através de qualquer navegador da Web, como Internet Explorer, Netscape, Opera, FireFox, etc.). O Moodle é desenvolvido na linguagem PHP e suporta vários tipos de bases de dados, em especial MySQL, e é idealmente implantado em servidores com o sistema operacional livre LINUX. Outra vantagem é que o Moodle tem seu código fonte disponibilizado gratuitamente, e pode ser adaptado, estendido, personalizado, etc., pela organização que o adota.

Dentro do ambiente do Moodle existem várias interfaces disponíveis para acesso dos seus usuários, este no âmbito acadêmico tende a ser selecionadas de acordo com o objetivo de cada professor e da maneira que o conteúdo será abordado. Dessa maneira, há diversas possibilidades de acessos que viabilizam a utilização da plataforma para o entendimento do conteúdo proposto, entre as possibilidades existentes podem ser criadas no curso online que são: os fóruns, diários, chats, questionários, publicação de materiais de quaisquer tipos de arquivos, dentre outras funcionalidades.

A partir do momento que essas atividades são criadas, inicia-se o processo de comunicação do professor com o aluno (OLIVEIRA, 2011). Considerado como mais um ambiente virtual de aprendizagem voltado para auxiliar o processo de ensino aprendizagem, o AVA MOODLE favorece a velocidade que cada indivíduo dispõe para dedicar ao processo. Esse ambiente atua como mediador do desenvolvimento da educação online através da comunicação e interação em rede (MENEGOTTO, 2015).

No ambiente educacional o Moodle se caracteriza como um instrumento didático online. Fornece meios, ferramentas e recursos para o professor atingir o objetivo proposto para a disciplina. Também dispõe de um terceiro espaço como um processo dinâmico, fundamentado na visão do construcionismo social, propiciando a participação mútua, para a troca de conhecimento, a cooperação nos compartilhamentos de conteúdos e pesquisas entre outros (ALENCAR *et al.*, 2011).

O autor complementa que independente do Moodle ou outro ambiente de ensino virtual escolhido, não se pode garantir a qualidade na educação e que esta tem total eficácia. Torna-se essencial compreender o modo de aprendizado dos alunos e se os mesmos possuem o comprometimento e conhecimento necessário para compreender a estrutura do curso e seu processo de ensino (ALENCAR *et al.*, 2011).

Na concepção de Alberton e Stolfi (2017), essas plataformas online e suas respectivas ferramentas são de grande importância, onde na ótica do professor as

novas mídias possibilitam a criação de diversos tipos de materiais didáticos, diferentes e atrativos. Para o acadêmico, advém a facilidade de administrar seu aprendizado de acordo com seu tempo e ritmo, já que não há necessidade de estar em um espaço físico e horário específicos para estudar.

2.5 Navegação em ambientes virtuais de aprendizagem

Com o avanço das TIC, a evolução do conhecimento científico e a facilidade crescente de acesso aos meios e recursos digitais, é nítido o uso de meios online e comunicações mediadas por softwares e computadores (SALVADOR *et al.*, 2020). Nesse sentido, adentrar no mundo da pesquisa e aprendizado na internet, exige por parte do indivíduo habilidades específicas que visam facilitar a busca e uso da informação.

Contudo, devido à rapidez com que são modificadas ou inseridas novas informações na internet e com um número gigantesco de páginas a disposição, para uma navegação eficaz é imprescindível ter bom senso para evitar perde-se diante de tantas possibilidades e saber selecionar através de comparações as páginas e informações mais importantes para não se perder no processo (MORAN, 1997).

No ensino EAD são utilizados ambientes virtuais no processo de aprendizagem. Essas plataformas constituem um sistema de gestão responsável por compartilhar e gerir os conteúdos, com a finalidade de proporcionar o aprendizado e desenvolvimentos dos alunos, bem como, permite a interação remota entre todos seus usuários. No entendimento de Lévy (2007a apud GAVA; ULTRAMARI, 2022, p. 74):

Destarte, em ambiente virtual, o ser humano encontra novos espaços para a interação e para a construção do conhecimento. O acesso e o trânsito em espaço virtual possibilitaram a quebra de um problema que dificultava e, às vezes, até desmotivava as pessoas a buscarem desenvolver maiores relações, troca e criação de informação, que era justamente o problema causado pelas distâncias geográficas.

Em um ambiente virtual de aprendizagem existem vários recursos, que podem ser entendidos como conteúdos institucionais estáticos que seriam as páginas de texto, páginas web ou arquivos para download. Por sua vez, as atividades nesses ambientes assumem duas vertentes, as interativas onde existe a comunicação com o tutor, lições e questionários e as atividades sociais que envolvem a construção

coletiva do conhecimento como chats e fóruns (BECHARA; HAGUENAUER, 2010).

O fórum virtual de aprendizagem é um recurso muito utilizado nos ambientes virtuais de aprendizagem. Ele constitui um espaço de interação e destina-se ao compartilhamento de saberes e de experiências entre os alunos, podendo potencializar o conhecimento e o aprendizado, a partir das leituras e reflexões acerca da temática em estudo, além de servir como elo entre o aluno e o professor/tutor para possíveis orientações, sanar dúvidas e feedbacks sobre atividades (JUNQUEIRA, 2019).

A navegação por esses ciberespaços não se delimita apenas à busca de informações e conteúdo de caráter educacional. Caracteriza-se também como uma rede, desenvolvendo a interação e comunicação do aluno de forma síncrona ou atemporal, constituindo, dessa forma, valiosos processos de trocas de conhecimento e compartilhamentos de informações (JUNQUEIRA, 2019). As redes digitais possibilitam que o indivíduo acesse e utilize diversas fontes de informação em suas pesquisas, além de possibilitar maior interatividade no processo de construção e compartilhamento de informação dentro e fora das aulas.

É salutar mencionar um fator importante que está relacionado com o contexto social e pessoal dos alunos, para que possa completar com êxito um programa de curso na modalidade EAD, que é a dificuldade que eles têm para localizar as informações no ambiente do virtual de aprendizagem, muitas vezes, ocasionada pela interface pouco intuitiva e com muitas sessões para navegar que podem causar inúmeros obstáculos (MERCADO, 2007).

O autor ainda destaca que a usabilidade de uma plataforma digital é determinante para que seu objetivo, enquanto plataforma criada para informar e solucionar problemas referente ao curso, seja alcançado, pois, qual a funcionalidade de um recurso digital, criado para favorecer o ensino e comunicação entre os discentes e os docentes, que traz mais problemas do que solução para ambos?

Nesse sentido, professores e estudantes precisam estar bem direcionados para o bom uso do AVA e seus recursos. Os alunos devem evitar a navegação em páginas web que não agregam ao conteúdo do curso e, evitar acessar links e informações desconexas, que não contribuem para aprendizagem, visto que, a internet está repleta de atrativos. Portanto, é importante ficar atento e focado no conteúdo disponível no AVA para que o processo de aprendizagem seja efetivado (FONTES *et al.*, 2021).

A navegação nas redes digitais atrai os discentes de forma instantânea e

inconsciente, o que pode dificultar seu aprendizado. O prazer de navegar, de descobrir endereços novos, de divulgar suas descobertas, de comunicar-se com outros colegas, são fatores que dispersam os alunos no AVA. Diante disso, é preciso que estas plataformas forneçam meios para minimizar essa dispersão (MORAN, 1997). Por isso, o estudante de EAD ao navegar no ambiente virtual de aprendizagem da instituição deve selecionar e avaliar as informações que são significativas, evitando fontes e links desnecessários que em nada contribuem para sua aprendizagem.

2.6 Comportamento informacional digital

Com sua origem marcada no início do século XX, o campo de pesquisa sobre 'Comportamento Informacional' (ou Information Behaviour), veio a ser estabelecido como estudos de usuários (user studies). Ou seja, o comportamento informacional refere-se ao comportamento das pessoas no processo de interação com sua necessidade de informação, também definida como demanda informacional. Essa demanda informacional é originada a partir do reconhecimento de alguma necessidade informacional, sendo suprida quando o indivíduo realiza uma série de procedimentos de busca pela informação requerida (NACHEF, 2019).

De acordo com Pires (2012), o comportamento informacional atrelado ao processo de busca e, por conseguinte, ao uso da informação, constituem aspectos fundamentais inerentes à área de Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Dessa maneira, é crucial entender os elementos do processo de recuperação da informação e mitigar a utilização desta, por meio de formas e fontes mais harmoniosas para atender as demandas informacionais dos usuários. Sendo este comportamento associado à busca, ao uso e ao manejo das informações e fontes para suprir suas necessidades informacionais.

Em meados da década de 1980, os estudos sobre comportamento e necessidades informacionais dão mais ênfase a perspectiva do usuário e seu papel nesse processo (NACHEF, 2019). Desse modo, é essencial criar um cenário em que o usuário adquira a capacidade de compreender suas próprias necessidades informacionais e, possa supri-las, de forma autônoma.

O desenvolvimento de habilidades específicas relacionadas ao comportamento informacional na busca por informação proporciona ao usuário formas e recursos fundamentais na obtenção da informação e meios para utilizá-la de modo a suprir suas

necessidades e problemas informacionais (COSTA, 2017). Sendo assim, para Wilson (2000 apud MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007) o conceito de comportamento informacional pode ser entendido como:

[...] todo comportamento humano relacionado às fontes e canais de informação, incluindo a busca ativa e passiva de informação e o uso da informação. Isso inclui a comunicação pessoal e presencial, assim como a recepção passiva de informação, como a que é transmitida ao público quando este assiste aos comerciais da televisão sem qualquer intenção específica em relação à informação fornecida (MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 121).

Existem hoje diversos estudos e linhas de pensamentos encontrados na literatura a respeito do comportamento informacional, vários pesquisadores abordam essa temática em seus trabalhos, a luz de diversas perspectivas, entre elas: cognitiva, social, cognitivo-social, psicológica ou organizacional.

Estes trabalhos utilizam variadas denominações, seja por meios de vários paradigmas conceituais e sua aplicabilidade em estudos empíricos, seja por meio da análise ou comparação da influência de modelos mentais, seja por aspectos cognitivos ou pela ocorrência de fenômenos que interferem o processo de busca da informação (FERREIRA, 2009). O autor destaca ainda alguns dos estudos mais utilizados e pesquisados na literatura, dentre eles estão:

- **Thomas Wilson**

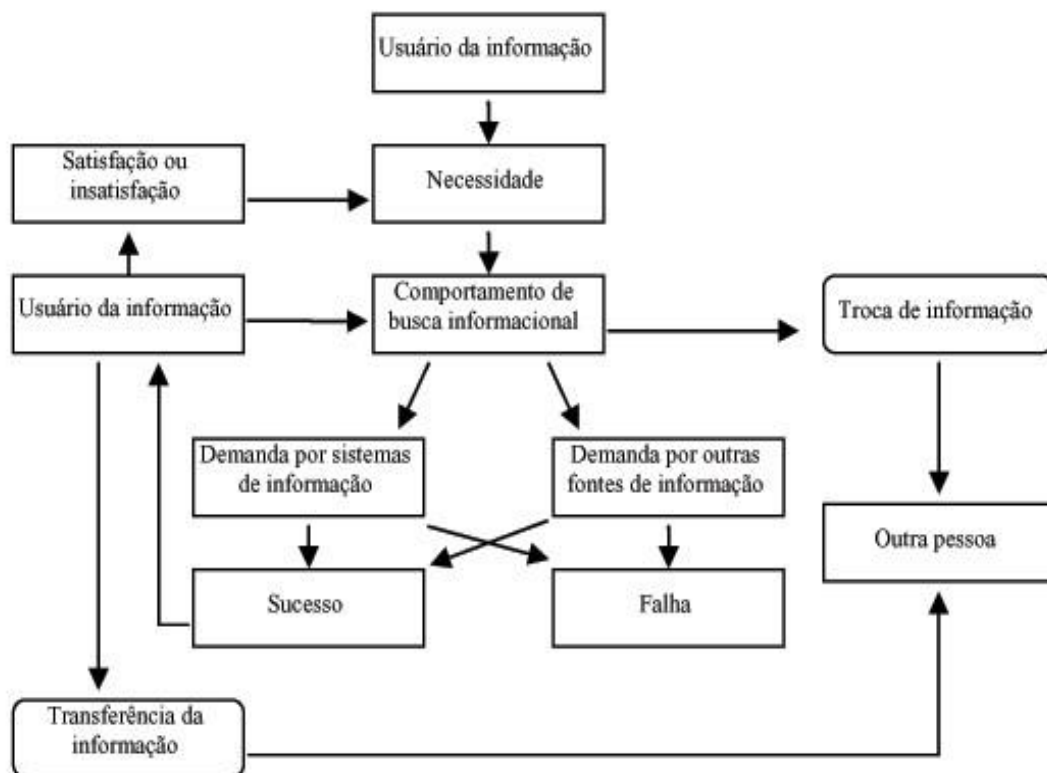
Tem sua visão baseada em definições da psicologia, propõe que as necessidades básicas podem ser definidas como fisiológicas, cognitivas ou afetivas. De acordo com o autor estas necessidades são configuradas diretamente pelo indivíduo, de acordo com suas necessidade e demandas por informação, sejam elas ligadas ao seu papel na vida pessoal, atividade laboral ou até mesmo pelo ambiente (político, econômico, tecnológico etc.). O autor propõe ainda que as barreiras que interferem na busca de informação surgem neste mesmo contexto (FERREIRA, 2009).

As barreiras impeditivas na obtenção da informação podem ser identificadas por meio da busca ativa da informação, conseqüentemente, pela percepção do usuário da sua necessidade informacional (NASCHEF, 2019). Ainda nesse sentido, Naschef (2019, p. 21) apresenta “duas proposições: a primeira enfatiza que a informação é uma necessidade secundária, originada a partir das necessidades

primárias, e a segunda ressalta que as pessoas, ao procurar informações, deparam-se com barreiras que podem impedi-las de encontrar o conteúdo desejado”.

Diante disso, Santos e Caldas (2016) corroboram com a afirmativa em relação à busca ativa da informação salientando que, essa ação decorre da procura proposital da informação que o usuário precisa. Nesse cenário, ressurgem a percepção de uma necessidade informacional do indivíduo que pode assumir inúmeras formas e, este pode utilizar diferentes fontes e meios no processo de busca, a exemplo, sistemas formais, como uma biblioteca física ou digital ou sistemas informais, como a troca de informações entre indivíduos (SANTOS; CALDAS, 2016).

Figura 2 – Modelo de comportamento informacional de Thomas Wilson



Fonte: Martínez-Silveira e Oddone (2007, p. 123).

Este modelo é característico pela atenção a satisfação informacional do usuário, pois, segundo o autor a retroalimentação (feedback) é uma etapa essencial para que o processo seja efetivado, de modo que as necessidades informacionais do indivíduo sejam atendidas, mesmo que parcialmente. Assim como explica Almeida

Júnior (2015) ao definir o conceito de mediação, é impossível satisfazer totalmente as necessidades de informação do indivíduo, devido ao surgimento de novos questionamentos que surgem na solução de um problema informacional.

- **Brenda Dervin**

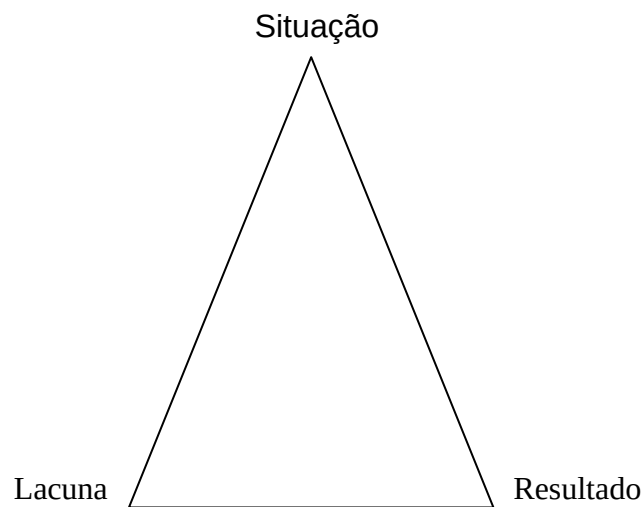
Brenda desenvolveu o modelo “sense-making” em 1972 e sistematizado a partir de 1983, é baseado na teoria da comunicação e direciona-se para o estudo do indivíduo. Considera a comunicação do indivíduo e, como este, sente o contato com mídias, instituições, mensagens e situações e de qual forma usa a informação.

O modelo “sense-making” é aplicado nas áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação, nos diversos contextos, com a finalidade de descrever o uso da informação e as necessidades informacionais dos indivíduos (FERREIRA, 2009). Nesse sentido, o sense-making, de acordo com a autora, não é essencialmente um modelo de comportamento de busca da informação, ele

[...] foi considerado como uma série de suposições, uma perspectiva teórica, uma abordagem metodológica, uma série de práticas e métodos de pesquisa, projetados para competir com a informação concebida por meio dos sentidos, como uma ferramenta humana projetada para a construção de sentido da realidade adotada, sendo tanto caótica quanto organizada, ou seja, da ordem para a desordem ou da desordem para a ordem, caracterizando desta forma o processo de “sense-making” ou construção dos sentidos (FERREIRA, 2009, p. 97).

O sense-making, de acordo com a autora, está embasado na construção de sentidos, que tem várias origens e contextos que os definem, que os caracterizam e ao mesmo tempo se reconstrói por meio do tempo e das decisões e experiências informacionais realizadas pelo indivíduo. Esse modelo está estruturado em três dimensões, sendo: a situação (no topo), a lacuna (a esquerda) e o resultado (a direita).

Figura 3 – Modelo do Sense-making de Dervin



Fonte: Martínez-Silveira e Oddone (2007, p. 123).

De acordo com os autores, a situação significa o contexto em que o problema foi criado, a lacuna seria a distância entre o contexto do problema e a situação ideal, e o Resultado se refere ao processo realizado por meio do modelo de Sense-making de Dervin. O modelo coloca o indivíduo como um ser ativo, em que ele cria, desenvolve, altera, reflete e soluciona o problema criado, o que favorece o processo de aprendizagem.

- **David Ellis**

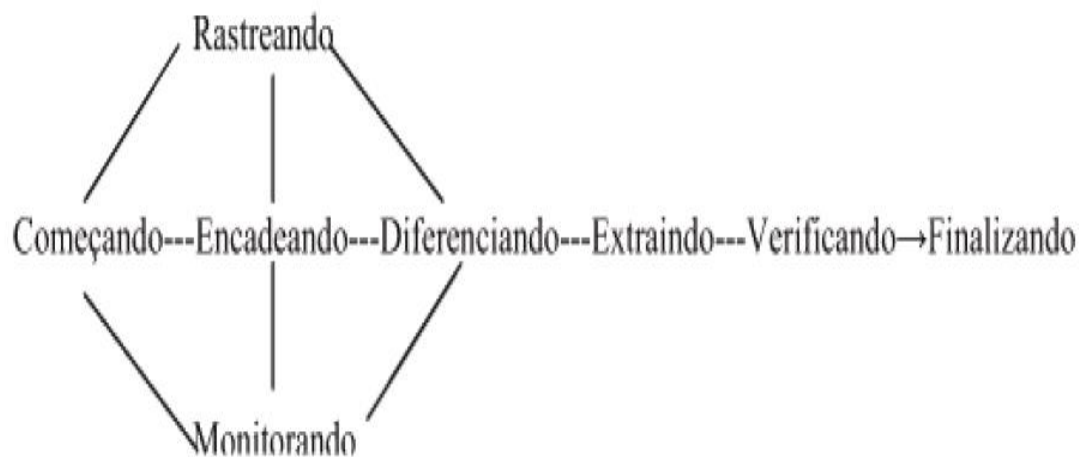
O modelo proposto por David Ellis, criado em 1989, foi baseado em aspectos cognitivos da busca de informação. Consiste em uma série de categorias de ações para exemplificar o processo da busca informacional com um todo. No modelo Ellis as inter-relações ou interações entre as categorias descritas, no processo de busca informacional, seja em qualquer padrão individual de busca, são dependentes das circunstâncias específicas da busca em questão, dado o momento particular que ocorre a busca (CAETANO, 2018). As categorias do modelo de David Ellis, descritas por Caetano (2018, p. 30) são:

A atividade de começar indica o início da busca; o encadear consiste em prosseguir com a busca; diferenciar é filtrar e selecionar; monitorar (continuar revendo as fontes identificadas como essenciais); extrair

(trabalhar sistematicamente com as fontes de interesse); verificar é conferir a veracidade da informação) e finalizar.

O autor coloca o comportamento informacional do indivíduo como um processo de realização de etapas, que iniciam na busca da informação, posteriormente na filtragem e seleção do material, analisar as fontes selecionadas e extrair o desejado, e finaliza na verificação da informação, que consiste em conferir se o conteúdo é verídico e se a fonte é confiável.

Figura 4 – Modelo de fases do comportamento na busca informacional de Ellis



Fonte: Martínez-Silveira e Oddone (2007, p. 124).

O modelo de Ellis é resultado de uma pesquisa de cunho empírico, que foi testada e verificada diversas vezes, sendo ainda muito utilizado. O próximo modelo de comportamento informacional é o de Khulthau, que acrescentou ao modelo de Ellis “uma associação entre sentimentos, pensamentos e atitudes” (MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 124).

- **Carol C. Khulthau**

O modelo de Khulthau é conhecido como Information Search Process (ISP), onde o processo de busca se caracteriza na relação com os estágios que estão ligados aos pensamentos, ações do indivíduo e sentimentos que irão influenciar diretamente nas estratégias para a recuperação de informação. O Modelo abaixo descreve o processo de busca da informação (ISP), a partir de 6 estágios, bem como,

dos sentimentos que consistem nas ações em cada estágio do processo (PIRES, 2012).

Quadro 4 – Modelo Information Search Process de Carol Khulthau

Estágios do ISP	Sentimento comum a cada estágio	Pensamentos comuns a cada estágio	Ações comuns a cada estágio
1. Início	Incerteza	Generalizados	Buscando informações gerais
2. Seleção	Otimismo	-----	-----
3. Exploração	Confusão/Frustração/Dúvida	-----	Buscando informações relevantes
4. Formulação	Clareza	Específicos/Claros	-----
5. Coleta	Senso de direção/Confiança	Aumento do stress	Buscando informações focadas
6. Apresentação	Alívio/Satisfação ou Frustração	Focado	-----

Fonte: Khulthau (1991 apud PIRES, 2012, p. 299)

É importante mencionar a atuação de Carol Khulthau no desenvolvimento teórico, conceitual e metodológico da Competência em Informação. A competência em informação compõe um conjunto de estudos da Ciência da Informação e, por meio de seu estudo, busca-se compreender o processo que possibilita a assimilação das necessidades de informação do indivíduo. E por meio do desenvolvimento desta competência informacional, o indivíduo consegue identificar suas demandas informacionais e, conseqüentemente, sabe buscar, avaliar e usar a informação para suprir suas necessidades informacionais (SILVA *et al.*, 2020).

Em termos conceituais, a competência informacional pode ser entendida como a capacidade do indivíduo mobilizar o próprio conhecimento para ajudá-lo a agir em determinadas situações. Em outras palavras, corresponde à aplicação efetiva de uma habilidade, técnico ou ferramenta na resolução de um determinado problema ou

situação em um contexto ou atividade específica.

Por meio do desenvolvendo de competências informacionais pode-se identificar as demandas de informação de modo a avaliar, buscar e utilizar a informação de maneira eficiente e eficaz (GASQUE, 2013). Nesta perspectiva, Martins (2016) caracteriza a competência informacional diante da sociedade da informação como:

[...] um componente necessário em virtude das mudanças da sociedade e inúmeras tecnologias de informação, isso porque a informação é componente básico para a evolução econômica e social, assim para que o indivíduo possa viver em uma sociedade capitalista e cada vez mais tecnológica. Nesse contexto, o indivíduo precisa desenvolver habilidades informacionais e comportamentais para assim adquirir conhecimentos necessários para o seu desenvolvimento pessoal e profissional (MARTINS, 2016, p. 25).

De acordo com Filha e Cianconi (2010), a competência informacional ou competência em informação (CoInfo) é considerada como o elemento fundamental para o exercício da cidadania e inclusão social na era pós-moderna. A CoInfo possibilita que o indivíduo seja capaz de identificar sua necessidade informacional, tem capacidade de localizar fontes confiáveis e realizar a busca, e posteriormente avaliar e utilizar a informação de forma crítica e independente. Desse modo, os cidadãos que sabem como aprender ao longo da vida, a partir da identificação, seleção e uso da informação de forma eficiente são cidadãos mais participativos e críticos a realidade social, cultural e econômica do país.

De acordo com o ponto de vista de Dudziak (2001, p. 36), a competência em informação pode ser entendida como a capacidade do indivíduo de desenvolver habilidades no uso de ferramentas e suportes tecnológicos para realizar atividades como pesquisa e estudo, ou mesmo, para aplicar seus conhecimentos teóricos na prática. Seguindo esta linha de raciocínio, Dudzik (2003, apud FILHA; CIANCONI, 2010, p. 132) define a competência informacional como:

O processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e a sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida.

Diante do exposto, fica claro que a competência informacional é um processo

que está em constante adaptação e evolução, de forma que é essencial acompanhar as mudanças que ocorrem na sociedade contemporânea, que está em constante transformação, além de fortalecer o conceito de aprendizado ao longo da vida. Essa competência visa formar os indivíduos para o uso eficiente da informação que envolve: identificar a necessidade informacional, o conhecimento das fontes, a pesquisa, a recuperação e o uso da informação (ORELO; CUNHA, 2013).

- **Chun Wei Choo**

O modelo de comportamento informacional de Choo apresenta um caráter transdisciplinar que ele atribuiu aos estudos das necessidades e usos da informação. Em seus estudos Choo, segue uma perspectiva unificadora de inúmeras áreas de pesquisas oriundas de campos e disciplinas como: a psicologia cognitiva, estudos de comunicação, difusão de inovações, economia, armazenamento de informações, teoria organizacional e antropologia social. Para o autor, cada um desses campos é articulado, no que se refere à busca e o uso da informação (FERREIRA, 2009).

Por apresentar essa transdisciplinaridade, o modelo de Choo segue um ponto de vista unificador no momento dos estudos das necessidades informacionais do indivíduo e os usos que ele faz da informação. O modelo de comportamento informacional de Chun Wei Choo é apresentado abaixo:

Quadro 5 – Modelo de Comportamento informacional de Chun Wei Choo

Ambiente Comportamento	Ambiente de processamento da informação		Ambiente de uso da informação
	Necessidades cognitivas	Reações emocionais	Dimensões situacionais
Necessidades de informação			
Busca de informação			
Uso da informação			

Fonte: Adaptado de Choo (2006, p. 84).

De acordo com Choo (2006), as três perspectivas representadas pela necessidade de informação, pela busca de informação e pelo uso da informação, permitem uma compreensão mais significativa da experiência do indivíduo no processo de busca e uso da informação. Esse aspecto é reafirmado por Choo (2006, p. 85):

As três perspectivas têm em comum o pressuposto de que a informação é construída nos pensamentos e sentimentos dos usuários, e fica disponível na vida e no ambiente de trabalho, cujas condições determinam seu uso e sua utilidade. As três perspectivas contribuem para um melhor entendimento da experiência humana de busca e uso da informação.

Para Costa (2017), os elementos e dimensões que definem as necessidades de informação individuais são: as condições cognitivas, afetivas e situacionais; e as necessidades ambientais, socioeconômicas e políticas. Nesse sentido, Furtado *et al.* (2015) comentam que a necessidade informacional por vezes não leva à informação que se procura, o indivíduo pode responder às suas necessidades informacionais de três formas:

O indivíduo pode escolher suprimir esta informação, por exemplo, evitando a situação problema, de modo que torne desnecessário seguir buscando a informação. O indivíduo pode pesquisar a sua própria memória em busca de informações que podem atender à necessidade. Mais uma vez não ocorre a busca externa da informação. O indivíduo pode decidir preencher a lacuna de conhecimento por meio de uma busca intencional de informações, uma busca direcionada, com o objetivo de resolver um problema, tomar uma decisão ou aumentar a compreensão. Dessa forma, o indivíduo identifica possíveis fontes, as diferencia, as escolhe e interage com as mesmas para obter a informação desejada (FURTADO *et al.*, 2015, p. 38).

Por fim é importante mencionar que no processo de busca de informação, quando o indivíduo identifica sua necessidade informacional, o mesmo avalia e escolhe as possíveis fontes para obter a informação desejada a fim de atender sua demanda informacional (FURTADO *et al.*, 2015).

Contudo, a existência de fatores ambientais tende a afetar o comportamento informacional do indivíduo, seja de forma positiva ou negativa. Pois, esses fatores exercem influência no comportamento de busca e o uso da informação, representando

obstáculos para a continuidade desse processo (CASARIN; OLIVEIRA, 2012).

Mesmo que o indivíduo tenha interesse e força de vontade para dedicar-se aos estudos, fatores ambientais como o barulho, e fatores como a falta de tecnologia adequada e o tempo gasto no trabalho, são fatores que influenciam em seu desempenho cognitivo e em sua aprendizagem em sala de aula.

Diante do exposto, faz-se necessário criar mecanismos para anular ou minimizar os fatores ambientes negativos, com o intuito de permitir que a busca da informação atenda às necessidades informacionais do indivíduo.

3 METODOLOGIA

Nesta seção foram abordados os meios que possibilitarão a execução da pesquisa para o presente trabalho, de forma que viabilize atingir os objetivos para o problema proposto através da fundamentação teórica, coleta, análise e interpretação dos dados para adquirir as respostas que responderão ao problema que foi gerado e que justifica a aplicação da pesquisa para este trabalho. As subseções a seguir trabalharão especificamente cada ponto da metodologia empregada neste trabalho, a começar pela natureza da pesquisa.

A realização desta pesquisa deu-se por meio da natureza básica, visto que este trabalho de investigação do ensino EAD na formação dos discentes do curso de Biblioteconomia da UFS possui intenção de gerar novos conhecimentos para a área, mas não irá implicar em ação prática (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Vale ressaltar que este tipo de natureza de pesquisa tem foco na observação e que suas condicionantes podem sofrer alterações. O procedimento utilizado para desenvolvimento da pesquisa foi o estudo de caso, por possibilitar estudar um objeto de pesquisa e analisá-lo de acordo com seu contexto e características particulares para compreender os fenômenos do local (YIN, 2015).

Quanto aos objetivos, o estudo é de cunho exploratório, que de acordo com Gil (2008), é a forma que se busca desenvolver afinidade com o problema de pesquisa e suas variantes. Compreendendo que peculiaridades no curso de Biblioteconomia EAD da UFS que o tornam singular se comparado com os demais, desenvolver tais afinidades com o objeto de estudo torna o objetivo tangível.

Caracteriza-se também como descritivo, que segundo Gil (2008), busca descrever os fenômenos e suas características. A intenção deste trabalho é apresentar resultados da convergência da teoria com a prática, faz com que essa modalidade embase a análise e interpretação dos dados para contribuir para com a Ciência da Informação e com o Departamento de Ciência da Informação.

A pesquisa tem por critério o levantamento bibliográfico, que segundo Severino (2013) é aquela que se utiliza de registros disponíveis, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Que dispõem de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados.

A abordagem definida para esta pesquisa é a quali-quantitativa. Quantitativa

devido a necessidade de realidade um levantamento dos dados sobre os alunos do curso analisado e, qualitativa, por investigar as subjetividades do aprendizado de cada discente, através da interpretação das implicações contextuais em consonância com o que é abordado durante a revisão de literatura (SAMPLIERE *et al.*, 2013).

A coleta dos dados foi realizada através de um questionário digital (ver APÊNDICE B). O questionário possui 10 questões fechadas e de múltipla escolha, utilizado através da ferramenta *Google Forms*, que além de coletar e armazenar os dados coletados, gerou os gráficos correspondentes. Ele foi aplicado aos alunos do que utilizam o ambiente virtual de aprendizagem para estudo.

O questionário digital foi disponibilizado no período de 13 a 20 de março de 2023, através do Portal do Coordenador do Curso, por intermédio da Profa. Dra. Telma de Carvalho, para garantir o recebimento do questionário digital por todos os alunos matriculados no curso, distribuído pelo Estado de Sergipe nos diversos polos EAD da UFS. Posteriormente, após o recebimento das respostas do questionário, foi realizado a análise e interpretação dos dados.

Na realização desta pesquisa também foi utilizado o modelo de comportamento informacional de Wilson (1999; 2000). O autor informa que o comportamento informacional perpassa pela identificação da necessidade de informação, que ao buscá-la, o indivíduo enfrenta barreiras postas por vários fatores, seja por dificuldade na pesquisa e utilização das plataformas ou por qualquer outro motivo. De forma que esse fator influência em sua satisfação ou insatisfação no acesso e uso da informação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

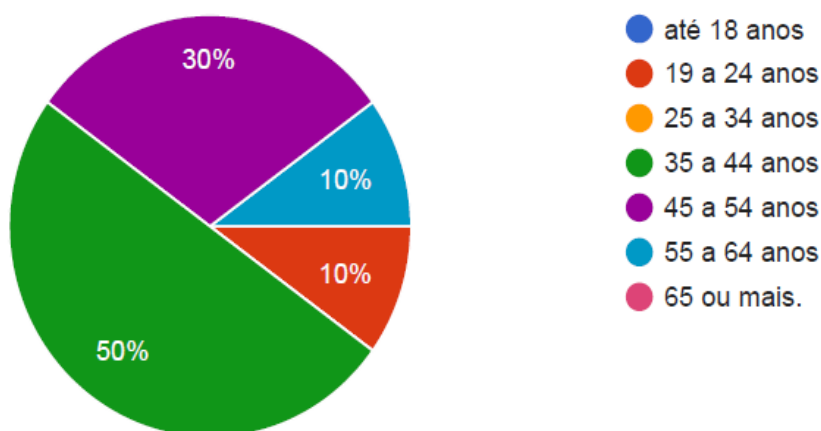
Esta seção apresenta os resultados da pesquisa. Adentrando aos gráficos elaborados após a coleta de dados sobre o comportamento informacional digital dos alunos do curso de biblioteconomia EAD da UFS, considera-se que a participação dos discentes foi essencial para chegar ao resultado esperado e todos os discentes participantes concordaram com o termo de consentimento para contribuir com o estudo.

Após a aplicação do questionário disponibilizado aos alunos do curso de Biblioteconomia EAD da UFS, no período de 8 dias, considerando que nesse período estava compreendida o término das férias e retorno das aulas para esses alunos, com o objetivo de alcançar um quantitativo expressivo de respostas. Contudo, a pesquisa obteve apenas 10 respostas de um total de 90 discentes matriculados.

A quantidade de respostas foi muito baixa em comparação a quantidade de alunos. Apenas metade dos alunos que responderam à pesquisa utilizam o recurso de e-mail disponibilizado pelo AVA, além disso, 70% dos entrevistados utilizam o computador para acessar os recursos do curso. Entretanto, mesmo que a quantidade de participantes tenha sido baixa, foi possível realizar uma análise detalhada e, prospectar a situação dos demais graduandos perante à plataforma.

A partir dos dados coletados, desenvolveu-se representações gráficas objetivando entender como se apresenta o comportamento informacional digital dos discentes e quais fatores influenciam sua aprendizagem. Inicialmente, com a finalidade de identificar qual faixa etária dos discentes do curso, foi questionado qual a idade de cada participante, para analisar se esse fator pode influenciar em seu comportamento no uso e acesso das plataformas.

Gráfico 1 – Faixa etária dos participantes da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Referente à faixa etária dos discentes (ver gráfico 1), os dados apontam que há uma diversidade de faixa etária de estudantes, sendo que apenas um discente de até 18 anos respondeu o questionário, representando 10% do total de respostas desta faixa etária; na faixa etária de 19 a 24 anos, também foi registrado apenas 1 resposta, representando 10% nesta faixa de idade. O gráfico apresenta um quantitativo significativo de 50% para discentes que estão entre os 35 e 44 anos. Já na faixa etária de 45 a 54 anos, identificou-se que apenas 3 graduandos representam o valor de 30% dos discentes que participaram do questionário.

Nesse sentido, os dados coletados indicam que há participação de discentes acima da faixa etária dos 25 anos, sendo esse grupo o que detém o maior índice percentual das respostas para o questionário aplicado, foi maior de que a participação dos alunos mais jovens. A identificação da faixa etária dos discentes foi realizada com o objetivo de identificar se a idade do discente influencia ou não em seu comportamento no acesso e uso das plataformas digitais do AVA, e na internet de forma geral.

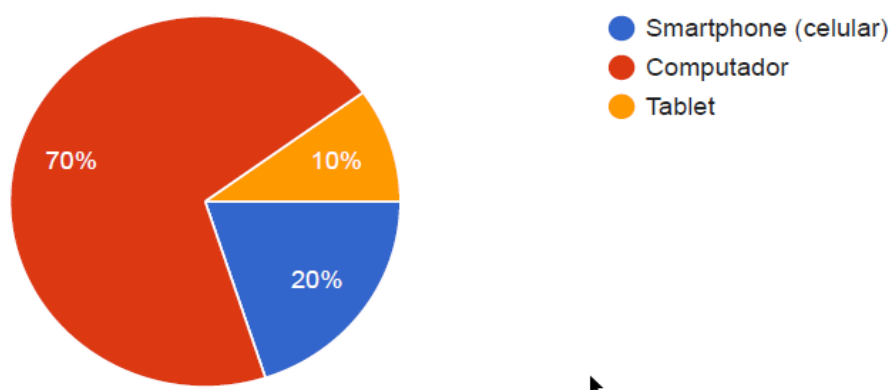
Nesse sentido, de acordo com Souza e Alcará (2021) há 6 gerações caracterizadas como: Geração Alpha, Geração Z, Y, X, Baby Boomers e a geração de Veteranos, sendo que cada geração tem características singulares quanto ao seu desenvolvimento cognitivo e social, que conseqüentemente influencia em sua forma de olhar e atuar nos ambientes digitais.

Tendo em vista que os dados coletados apontam para a maior participação dos

alunos com idades entre 35 a 44 anos, de acordo com as ideias apresentadas por Prensky (2001), apud Souza e Alcará (2021), esses indivíduos são pertencentes a Geração Y, por este motivo, preferem gráficos e imagens em detrimento à textos, o que caracteriza um gosto pelo formato em hipertexto e prezam por recompensas imediatas e frequentes, estão acostumados com tudo rápido e simultâneo e tem gosto por aprendizado interativo, como através de jogos, por exemplo.

Posteriormente, com a finalidade de identificar quais são os dispositivos tecnológicos utilizados pelos discentes, analisando seus hábitos e afinidades pelas ferramentas, foi perguntado aos discentes sobre qual dispositivo tecnológico eles utilizavam para acessar o curso.

Gráfico 2 – Dispositivos tecnológicos utilizados pelos discentes para acessar o curso



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

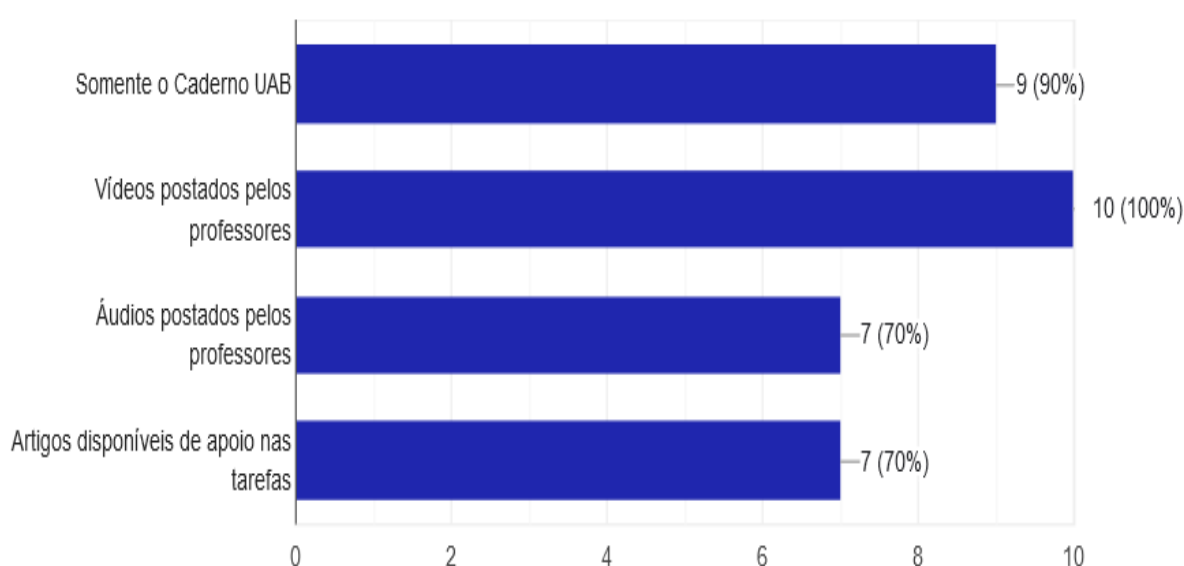
Após a análise dos dados, foi identificado que os dispositivos mais utilizados pelos discentes foi o computador, representando 70% do total de respostas, seguido do smartphone com 20%, e o tablet com 10%. Ao associar as respostas dos alunos à teoria sobre o comportamento informacional digital, Wilson (2000) destaca que este comportamento tem relação direta com os tipos de fontes e canais de informação utilizados pelos indivíduos, por se tratar da preferência do usuário com determinados dispositivos, denominada de relação de interação face a face.

Os dados coletados mostram que, seguindo as ideias de Wilson (2000), os discentes preferem a utilização de computadores aos demais dispositivos por causa do comportamento que a máquina apresenta na busca e recuperação de informações,

porque esses dois comportamentos possuem melhor funcionalidade no computador de que no celular ou tablet, por exemplo.

Devido a possibilidade de operação de múltiplas funções simultâneas e o retorno de informações em um curto prazo de tempo dado, principalmente o comportamento do sistema AVA nesses 3 dispositivos. Posteriormente, na pergunta 3, buscou-se identificar os recursos digitais do AVA que os alunos utilizam para acessar o curso, possibilitando a seleção de mais de uma opção.

Gráfico 3 – Recursos digitais do AVA utilizados pelos discentes



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

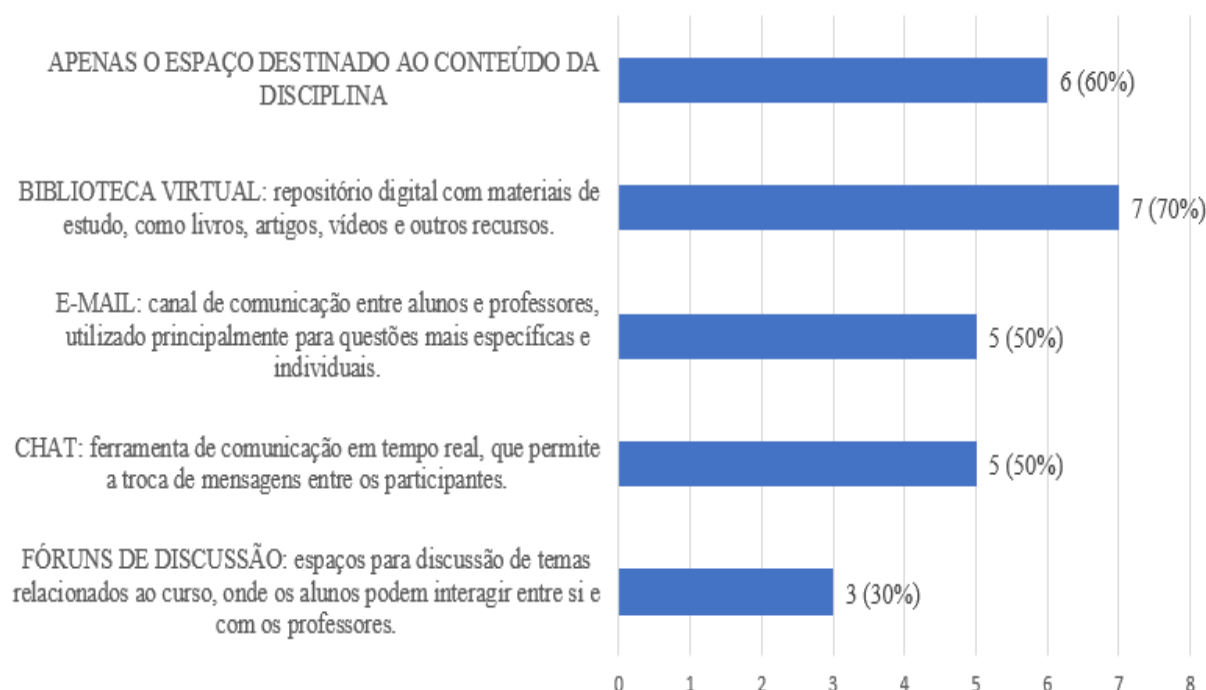
Em relação aos recursos digitais mais utilizados pelos discentes (ver gráfico 3), foi permitido aos discentes apontarem mais de uma opção, devido ao uso variado dos recursos. Assim, foi identificado que os vídeos postados pelos professores são os recursos mais consultados e utilizados pelos discentes, contendo um total de 10 respostas. Em seguida aparecem os cadernos UAB, com 9 respostas, em terceiro e quarto colocado estão os áudios postados pelos professores e os artigos disponibilizados para auxiliar tarefas, respectivamente, cada um com 7 respostas.

Isso significa que, pela possibilidade de os discentes marcarem mais de uma alternativa, o valor percentual tende a subir, como exibido na imagem, os valores ultrapassam os 100%. Desse modo, considera-se que para 10 discentes participantes

da entrevista, 7 discentes utilizam cadernos UAB, áudios, artigos e vídeos disponibilizados pelos professores, representando 70%.

Como também, foi observado que apenas 2 alunos utilizam exclusivamente os cadernos e os vídeos e somente 1 utiliza o recurso de vídeo disposto pelos professores. Em relação as ferramentas disponíveis pelo AVA para uso da comunidade acadêmica, foi questionado aos discentes quais ferramentas eles utilizavam com mais frequência.

Gráfico 4 – Ferramentas do AVA utilizadas pelos discentes



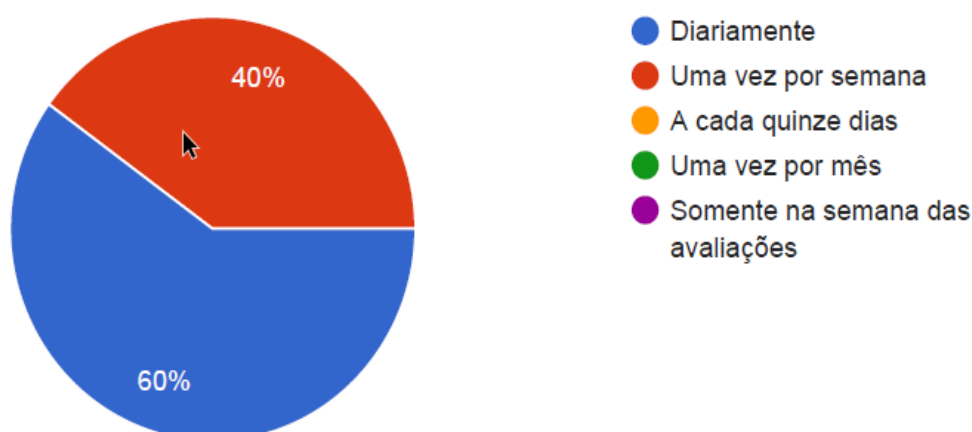
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

É possível observar no gráfico que as ferramentas mais utilizadas pelos discentes (ver gráfico 4), foram a biblioteca virtual, com 70% das utilizações e o espaço destinado ao conteúdo, com 60%. As ferramentas de chat e e-mail apareceram com 50%, cada.

O AVA disponibiliza aos discentes fóruns para interação com o docente e demais alunos do curso para resolução de dúvidas ou problemas, chat para comentários, possibilidade de enviar e-mails, entre outras características, entretanto percebe-se que esses recursos não são muito conhecidos e utilizados pelos discentes, cabendo aí um estudo mais aprofundado para identificar esse fator.

De acordo com Vitorino e Piantola (2020), é necessário realizar pesquisas de avaliação com os discentes com a finalidade de identificar quais são as implicações causadas pela plataforma e seus recursos e qual seu impacto na aprendizagem dos alunos, de forma que há a possibilidade de adaptação e aperfeiçoamento dos recursos e das metodologias de ensino para que as necessidades dos discentes sejam melhor atendidas, até mesmo as necessidades que eles desconhecem. Com relação a frequência de uso dos recursos digitais do AVA e o tempo médio de navegação na plataforma, foi questionado aos discentes qual a frequência de uso dos recursos digitais do AVA.

Gráfico 5 - Frequência de uso dos recursos digitais do AVA



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A frequência de uso dos recursos disponibilizados pelo AVA (ver gráfico 5), está voltada para acessos diários ou uma vez por semana. Para as 10 respostas obtidas, o indicador aponta que 60% dos entrevistados fazem usos regulares e 40% dos discentes entram na plataforma uma vez por semana. Esse resultado aponta para o modelo comportamental esboçado por Wilson em 1999, que parte da necessidade de informação do indivíduo, gerando diferentes comportamentos de busca da informação em bases de dados físicas ou digitais.

Esse modelo comportamental projetado por Wilson (1999), quando associado ao gráfico e os dados coletados, significa que: aos discentes que fazem usos diários, com representação percentual de 60%, a teoria aponta para a existência de demandas

informacionais maiores que o público que faz utilização semanal, representada por 40% das respostas obtidas.

Isso significa dizer que a demanda dos alunos por informações, referente as disciplinas ou mesmo sobre a plataforma, é constante, o que deve ser observado pelos professores e pelo próprio AVA. Tendo em vista que: ou as informações não estão sendo apresentadas de forma clara ou os alunos estão com dificuldades de compreensão e/ou de uso da plataforma.

Para além disso, à dificuldade que eles têm para localizar as informações no ambiente virtual de aprendizagem, muitas vezes, é ocasionada pela interface pouco intuitiva e com muitas sessões para navegar que podem causar inúmeros obstáculos (MERCADO, 2007), o que gera a necessidade de passar mais tempo buscando a informação necessária. Em relação ao tempo médio dedicado à utilização dos recursos do AVA pelos entrevistados, o gráfico 6 apresenta a frequência de tempo disponibilizado à plataforma.

Gráfico 6 – Tempo médio de utilização dos recursos do curso no AVA



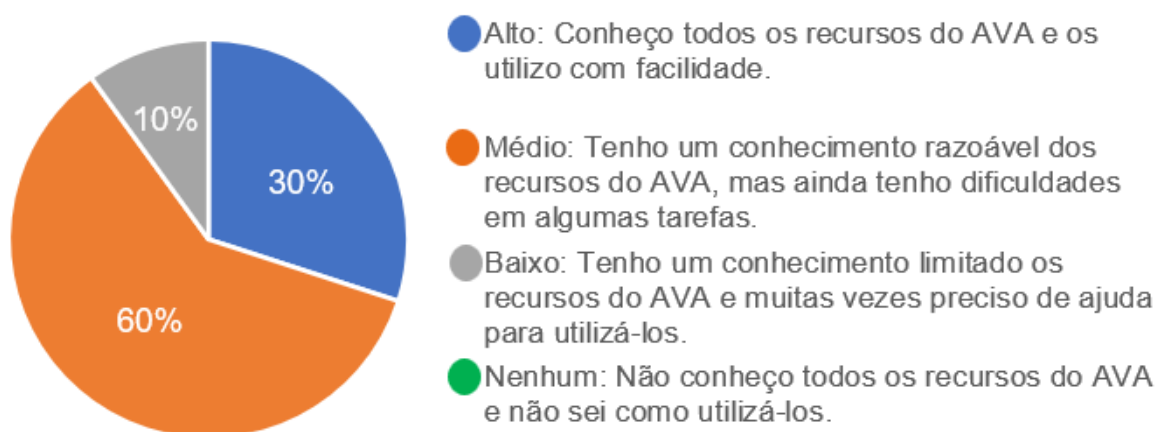
Fonte: Dados da pesquisa (2023)

De acordo com os dados recuperados no questionamento sobre o tempo médio de usos dos recursos do AVA (ver gráfico 6), os discentes apontaram que realizam acessos aos recursos disponibilizados pelo AVA diariamente ou uma vez semana. Com relação ao tempo dedicado à navegação na plataforma, os dados coletados apontam que os alunos utilizam de 2 a 6 horas de estudos, divididos em dois

momentos: 50% da população entrevistada informou que o tempo destinado ao estudo através dos recursos disponibilizados no AVA é de 2 a 4 horas. Enquanto que os outros 50% dos discentes do curso informaram dedicar de 4 a 6 horas de estudo.

Para Wilson (1999), o modelo de comportamento de busca à informação considera os contextos de necessidade informacional, ao mesmo tempo que identifica elementos implícitos que podem ser mensurados de maneira subjetiva, justificando as alternâncias de utilização e tempo médio dedicado à plataforma. A respeito dos conhecimentos dos recursos tecnológicos ofertados pelo curso através do AVA, o gráfico 7 exibirá os índices concernentes ao nível de domínio da ferramenta por parte dos discentes do curso de Biblioteconomia e Documentação EAD da UFS, associando os resultados à teoria para compreensão dos fenômenos identificados.

Gráfico 7 – Nível de conhecimento dos recursos disponibilizados no AVA



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Para uma navegação satisfatória na plataforma AVA, é necessário conhecer e dominar os recursos disponíveis para desenvolver atividades, trabalhos acadêmicos ou entrega de tarefas, de acordo com a necessidade informacional do indivíduo. Segundo os dados apresentados no gráfico, os discentes do curso de Biblioteconomia EAD possuem divergências quanto aos conhecimentos dos recursos.

Observou-se que apenas 10% dos alunos apontaram possuir pouco domínio da ferramenta, enquanto que 60% dos discentes informaram ter um conhecimento razoável das funcionalidades do AVA, e 30% dos graduandos entrevistados possuem pleno domínio dos recursos.

Os indicadores mostram um expressivo valor percentual de alunos que estão com baixo ou médio conhecimento acerca dos recursos disponíveis no AVA, esse quantitativo pode ser compreendido, segundo Wilson (1999), como barreiras intervenientes, ou seja, impeditivos ou dificuldades que impedem o aprendizado.

Esses fatores podem ser: psicológicos, demográficos, interpessoal, ambiental ou mesmo problemas na própria fonte. Nesse contexto, Dudiziak (2008) acredita que o processo de desenvolvimento da ColInfo deve ser realizado por meio de um trabalho colaborativo entre o indivíduo, os pedagogos (instituição) e a sociedade, para que a realidade vivenciada pelo indivíduo não influencie negativamente em seu processo de aprendizagem.

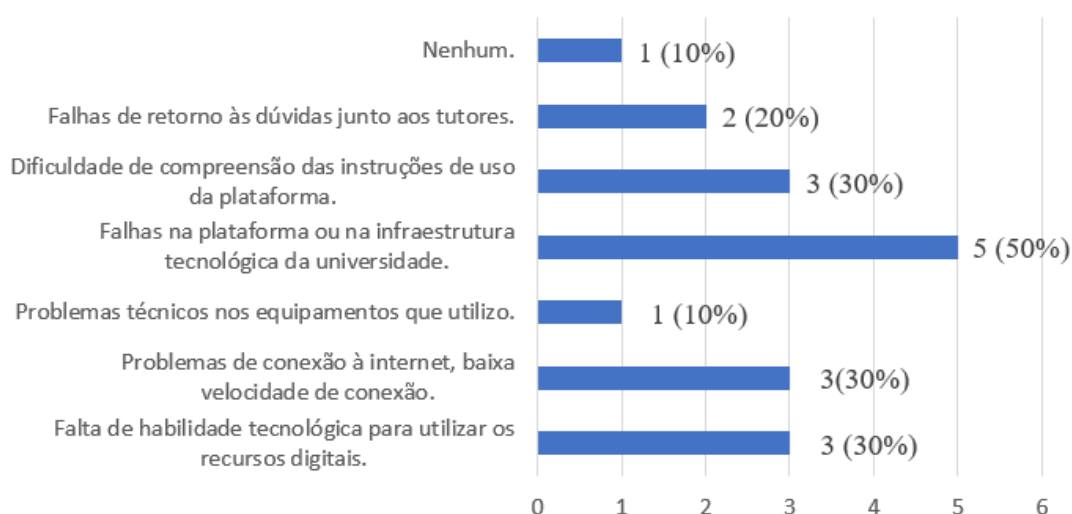
O contexto em que o discente está inserido e seu conhecimento de mundo deve ser tratado como marco inicial, pois o discente que não utilizou ferramentas similares as do AVA anteriormente a inserção no curso, terá maiores dificuldades de aprendizado de que àqueles alunos que já tiveram alguma interação prévia ou que já tenham desenvolvido suas competências informacionais digitais (WILSON, 1999). Ainda, o autor informa a existência de barreiras que podem comprometer o aprendizado dos indivíduos referente ao desenvolvimento de habilidades tecnológicas, essas barreiras podem ser sociais, ambientais ou pessoais.

É compreensível para um discente recém integrado ao curso, e que não tenha tido interação com tecnologias como o sistema AVA antes, possuir mais dificuldades para aprender a utilizar os recursos digitais da plataforma, o que é justificável devido às necessidades informacionais do aluno não terem sido atendidas, até o momento de ingresso ao curso, por não exercer nenhum tipo de atividade que demandasse dele o aprendizado deste tipo de tecnologia (WILSON, 1999).

Para o autor, isso pode ser entendido como “contexto de necessidade”, pois esse tipo de contexto gera um mecanismo ativador, que prossegue gerando um processo de busca de informação que evolui para o processo e uso da informação, transformando-se em conhecimento.

Portanto, para cada aluno do curso de Biblioteconomia EAD em consonância aos conhecimentos dos recursos, um contexto de dificuldades e aprendizado é aplicado. Desta forma, o gráfico 8 irá exibir quais dificuldades os discentes do curso enfrentam ao utilizar as funções dispostas pelo AVA.

Gráfico 8 – Dificuldades enfrentadas pelos discentes ao utilizar os recursos digitais do curso



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

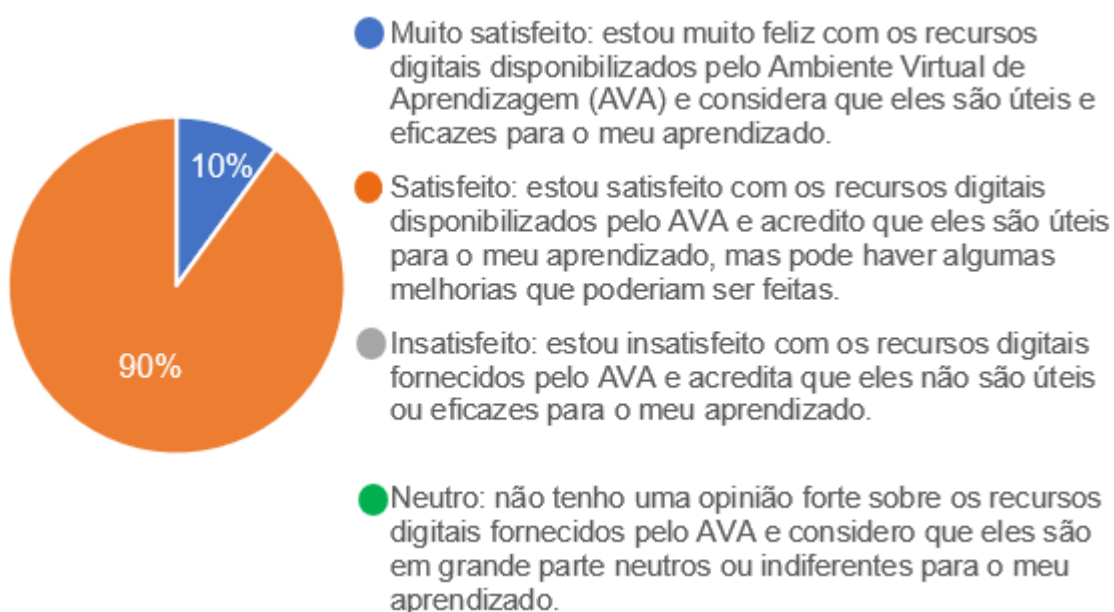
Segundo a pesquisa, os discentes enfrentam variados tipos de dificuldades, desde a falta de habilidades tecnológicas até os problemas inerentes as falhas na própria plataforma que dificultam o acesso ao conteúdo. De acordo com os dados apresentados no gráfico 8, a dificuldade mais frequente apresentada pelos alunos está centrada nas falhas na plataforma, com um valor percentual de 50%.

A falta de habilidade tecnológica, problemas de conexão e dificuldades de compreensão aparecem com 30% cada. Em relação as falhas de retorno às dúvidas dos alunos, identificou-se um total de 20% das respostas obtidas, ou seja, as dúvidas enviadas por eles que não foram sanadas devido à falta de resposta ou clareza das explicações.

Observou-se também, que apenas uma queixa foi dada à problemas técnicos e somente um discente disse não tem nenhum tipo de problema e/ou dificuldade com os recursos dispostos pelo curso de Biblioteconomia e Documentação EAD. Esses dados expressam as variáveis que são encontradas em cursos à distância, o que pode ser utilizado como uma justificativa para o investimento em melhorias na plataforma e na comunicação e interação com os discentes. Através dos resultados coletados por meio desta pergunta, observou-se também, que os problemas técnicos podem potencializar dificuldades inerentes ao letramento digital dos discentes.

Para Wilson (2000), o comportamento informacional envolve a relação entre os tipos de fonte e os canais de informação, através de perspectivas passivas e ativas, que se relaciona ao comportamento de uso da informação: processos mentais e físicos relacionados às ações que derivam. Com base nas experiências dos discentes com a ferramenta, a pesquisa teve por intenção averiguar qual o nível de satisfação dos alunos do curso. Para isso, foi questionado aos graduandos qual o nível de satisfação deles em relação aos recursos digitais fornecidos pelo AVA.

Gráfico 9 – Nível de satisfação dos discentes com os recursos digitais fornecidos pelo AVA



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

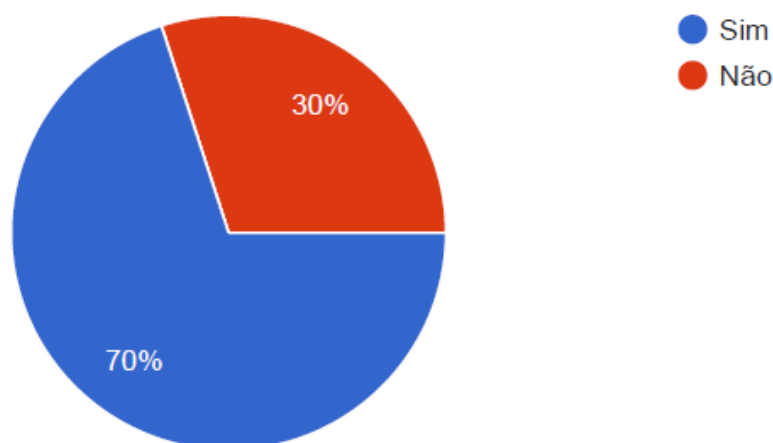
De acordo com as respostas obtidas no questionamento sobre o nível de satisfação dos discentes (ver gráfico 9), percebeu-se que todos os entrevistados possuem um nível de satisfação favorável aos recursos fornecidos pelo AVA, sendo 90% para satisfeito e 10% para muito satisfeito. Esse questionamento permitiu refletir que embora haja dificuldades que influenciam no processo de aprendizagem na modalidade à distância, o AVA é funcional para o desenvolvimento de atividades da graduação.

As respostas dos discentes a esse questionário foi instigante no sentido de que, 60% dos discentes apontaram que utilizam os recursos do AVA diariamente e 50% afirmaram ter dificuldades de acesso a plataforma por falhas do sistema do AVA, e

para além disso, 70% dos discentes informaram ter conhecimento baixo ou médio da existência e uso dos recursos disponíveis no AVA. Nesse sentido, é necessário repensar se o nível de satisfação apresentado pelos discentes representam realmente a qualidade da plataforma e o atendimento e satisfação informacional desses alunos.

Pois, assim como foi apontado nos gráficos anteriores, os problemas descritos são possíveis de resolução, logo, devem ser observados e solucionados pelos docentes e pela plataforma, para que esses problemas não influenciem negativamente no processo de aprendizagem desses alunos, bem como, para tornar sua experiência no ensino superior menos complicada e disfuncional. Nesse sentido, para finalizar os questionamentos realizados aos discentes, foi questionado se as dificuldades enfrentadas pelos alunos comprometiam seu aprendizado durante o decorrer do curso da graduação realizado à distância.

Gráfico 10 – Interferência do aprendizado devido às dificuldades de acesso



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Dessa forma, a partir dos dados do gráfico, identificou-se que 7 dos 10 entrevistados informaram que as dificuldades enfrentadas interferem diretamente em seu aprendizado, totalizando 70% do universo da pesquisa. Enquanto que os 30% dos discentes informaram não serem prejudicados pelas dificuldades encontradas ao utilizar o AVA.

Assim, percebe-se que a interferência no aprendizado é decorrente das

dificuldades de acesso aos recursos digitais do processo de aquisição e utilização da informação (WILSON, 2000), pois, apesar das TIC terem possibilitado maior liberdade para criação e divulgação de informações na internet, observa-se que o acesso e uso dessas tecnologias não é universal e igualitário, haja vista que para que seu acesso seja realizado, o indivíduo precisa ter condições financeiras suficientes para adquirir determinado equipamento tecnológico, caso contrário, ele não terá.

Para além disso, o contexto trazido pela necessidade de informação parte, também, do ambiente de aprendizagem (representado neste cenário pelo AVA), pois, assim como foi apontado pelos discentes como uma das dificuldades no uso dos recursos do AVA, ao apresentar algum tipo de falha, os espaços tendem a não realizar a entrega da informação, ou mesmo de configurá-la, o que pode comprometer a compreensão da informação. Neste momento, é possível ver a relação do AVA em consonância ao aprendizado dos discentes do curso, a partir do momento que a plataforma é responsável, em partes, por seu aprendizado.

Ainda sob as considerações de Wilson (2000), quando a demanda por sistemas de informação e fontes de informação são acessadas com êxito, o usuário da informação irá apropriar-se da mesma, transformando-a em conhecimento, que poderá ser, posteriormente, caso seja de interesse do discente, compartilhado com outras pessoas, caracterizando assim a troca de informação, o que, para o autor, constitui o comportamento de busca, pesquisa, identificação, avaliação e uso da informação como um processo de aprendizagem continuada.

Percebeu-se que o comportamento informacional do indivíduo está associado ao comportamento humano diante dos canais e fontes de informação, de forma que o contexto em que o discente está inserido e seu conhecimento de mundo interfere diretamente no desenvolvimento de habilidades tecnológicas e informacionais e em seu processo de aprendizagem.

Assim, as considerações apontadas por Wilson (1999) sobre as barreiras dos usuários e a busca e recuperação da informação, são assertivas quando relacionadas às dificuldades encontradas pelos discentes durante a utilização dos recursos digitais ofertados pelo curso de Biblioteconomia EAD da UFS.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a finalidade de alcançar o objetivo geral, analisar o comportamento informacional digital e as dificuldades dos alunos do curso de Biblioteconomia à distância da UFS no ambiente virtual de aprendizagem (AVA), constatou-se que esta pesquisa atingiu objetivos propostos, através da identificação das dificuldades, desafios e das habilidades tecnológicas dos alunos.

Identificou-se que as maiores dificuldades enfrentadas pelos discentes consistem em problemas relacionados as deficiências na infraestrutura tecnológica da UFS, o que gera dificuldades no acesso a plataforma do AVA, prejudicando consequentemente o processo de ensino/aprendizagem do curso e dos alunos.

Apesar dos alunos manterem-se pouco interativos com a plataforma, não conhecerem todos os recursos disponíveis e, terem dificuldades de acesso e uso dos recursos, devido a problemas técnicos do próprio sistema da universidade, eles compreendem como utilizar esses recursos. Eles demonstraram terem habilidades no acesso e uso das tecnologias disponíveis, o que direciona esta pesquisa para a problemática da falta de divulgação e apresentação desses recursos pela própria instituição.

Nesse momento, notou-se que o conhecimento prévio dos graduandos sobre o uso das ferramentas e recursos tecnológicos estão associadas as experiencias anteriores a graduação. Essa reflexão aponta para a necessidade de as instituições de ensino investirem em atividades que instiguem e desenvolvam as competências informacionais digitais dos discentes. Além da criação de conteúdos informativos e didáticos para facilitar a compreensão dos discentes e atrai-los para utilizar as ferramentas dispostas pelos cursos EAD, durante o período que estiverem vinculados à universidade.

Visando atingir o último objetivo específico, propor recomendações para o aprimoramento do comportamento informacional digital dos alunos do curso, propõe-se a coordenação e aos professores que atuam no curso, a elaboração de um manual e/ou guia de utilização dos recursos AVA. Pois, os alunos devem ser capacitados a utilizar a ferramenta de forma autônoma, por meio de manuais claros e intuitivos, que permitam a navegação de maneira fluída, viabilizando o aprendizado e auxiliando no desenvolvimento de atividades acadêmicas.

Para construção do manual, sugere-se a definição de tópicos com ícones de funcionalidades, com textos que permitam a compreensão do recurso de maneira isolada. Além disso, que o material seja didático, intuitivo e, que possua explicação para cada interação dentro da plataforma. Ou seja, fluxos de acessos para ilustrar ao discente como cada função pode ser executada e sob quais contextos se aplica e/ou é sugerido a utilização.

Por fim, a partir dos resultados desta pesquisa foi possível constatar a importância das habilidades informacionais e tecnológicas para acessar e utilizar informação com eficiência e segurança na sociedade contemporânea. Principalmente para os discentes que estão em processo de transferência do ambiente escolar para o universitário, que demanda maior seriedade, cuidado e novas habilidades para compreender e integrar-se neste universo tecnológico com maior tranquilidade e segurança.

REFERÊNCIAS

ALBERTON, Marjule Merini; STOLFI, Ana Maria. Os desafios pedagógicos na Educação a Distância (EAD). **Maiêutica-Pedagogia**, Santa Catarina, v. 5, n. 1, p. 89-98, 2017. Disponível em: https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/PED_EaD/article/view/1703/817 Acesso em: 10 jul. 2022.

ALENCAR, Andréia de Souza *et al.* O moodle como ferramenta didática. *In: Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre*. v. 2, n. 2, 2011. **Anais [...]**, 2011. p. 1-5. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/2919> Acesso em: 6 jul. 2022.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo; SILVA, Rovilson J. (orgs.). Mediação oral da informação e da leitura*. Londrina: ABECIN, 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MANTENEDORAS DO ENSINO SUPERIOR. **Resumo técnico do censo de 2010**. Disponível em: <https://abmes.org.br/documentos/detalhe/152/resumo-tecnico-do-censo-2010> Acesso em: 6 jul. 2022.

BECHARA, João José Bignetti; HAGUENAUER, Cristina Jasbinschek. Por uma aprendizagem adaptativa baseada na plataforma Moodle. **Revista EducaOnline**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2010. Disponível em: <http://www2.abed.org.br/congresso2009/CD/trabalhos/1552009231402.pdf> Acesso em: 11 jul. 2022.

BELLINASSO, Filipe; NOVAES, Henrique Tahan. A precarização do trabalho docente na Educação a Distância (EaD) no Brasil: uma discussão teórica. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, online, v. 10, n. 1, p. 316-325, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/23735> Acesso em: 11 jul. 2022.

BRASIL. Decreto 5.622, de 19 dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, 2005. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2005/decreto-5622-19-dezembro-2005-539654-publicacaooriginal-39018-pe.html> Acesso em: 11 jul. 2022.

BRASIL. Lei N. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, n. 248, 1996. p. 27833. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 29 set. 2022.

BRASIL. Lei N. 9.674, de 25 de junho de 1998. Dispõe sobre o Exercício da Profissão de Bibliotecário e determina outras Providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, v. 136, n.120, Seção I, 26 jun. 1998. p. 1-

2. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9674.htm Acesso em: 29 set. 2022.

CAETANO, Daniele da Conceição. **Comportamento informacional no uso de redes sociais virtuais como fonte de informação**. 2018. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) – Universidade federal de Pernambuco, Curso de Biblioteconomia, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/30680> Acesso em: 06 out. 2022.

CASARIN, Helen de Castro Silva; OLIVEIRA, Etienne Siqueira de. O uso da informação no âmbito acadêmico: o comportamento informacional de pós-graduandos da área de educação. **Encontros Bibli**, Florianópolis, p. 169-187, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17nesp1p169> Acesso em: 04 out. 2022.

CHOO, Chun Wei. Como ficamos sabendo: um modelo de uso da informação. *In*: CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. Tradução de Eliana Rocha. 2. ed. São Paulo: Senac, 2006. p. 63-120. Disponível em: <https://lucianabicalho.files.wordpress.com/2013/09/choo-chun-wei-a-organizac3a7c3a3o-do-conhecimento.pdf> Acesso em: 12 set. 2022.

COSTA, Adriano Ribeiro da. A educação à distância no Brasil: concepções, histórico e bases legais. **Revista Rios**, Bahia, v. 11, n. 12, p. 59-74, 2017. Disponível em: <https://www.publicacoes.unirios.edu.br/index.php/revistarios/article/view/471> Acesso em: 2 jul. 2022.

COSTA, Carla da Silva. FARIA, Geniana Guimarães. **EAD**: Sua origem histórica, evolução e atualidade Brasileira face ao paradigma da educação presencial. 2008. Disponível em: <https://www.abed.org.br/congresso2008/tc/552008104927am.pdf> Acesso em: 5 jul. 2022.

COSTA, Maria Luisa Furlan; OLIVEIRA, Silvana Aparecida Guietti de. O lugar da educação a distância no Plano Nacional de Educação (2011-2020). **Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 97-112, 2013. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/download/23766/pdf_8 Acesso em: 10 jul. 2022.

DUDIZIAK, Elisabeth Adriana. **A information Literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/publico/Dudziak2.pdf> Acesso em: 10 jul. 2022.

DUDIZIAK, Elisabeth Adriana. Os faróis da Sociedade da Informação: uma análise crítica da situação da competência em informação no Brasil. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v.18, n.2, p. 41-53, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/1704> Acesso em: 29 fev. 2023.

FARIA, Adriano Antônio; SALVADORI, Ângela. A educação a distância e seu movimento histórico no Brasil. **Revista das Faculdades Santa Cruz**, Curitiba, v. 8, n. 1, 2010. Disponível em: <https://unisantacruz.edu.br/v4/download/revista-academica/14/08-educacao-a-distancia-e-seu-movimento-historico-no-brasil.pdf> Acesso em: 5 jul. 2022.

FELIPE, André Anderson Cavalcante. Diretrizes para a gestão da informação em ambientes virtuais de aprendizagem. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Santa Catarina, v. 18, n. 2, p. 884-900, 2013. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/884> Acesso em: 25 jul. 2022.

FERREIRA, Valdinéia Barreto. **Acesso e uso dos repositórios digitais: comportamento informacional dos pesquisadores da Ciência da Informação no Brasil**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/7950/1/Disserta%c3%a7%C3%A3o%20Valdin%c3%a9ia%20%2012.07.10.pdf> Acesso em: set. 2022.

FILHA, Maria Helena Forny Mattos; CIANCONI, Regina de Barros. Bibliotecas na Educação a distância: caso do consórcio CEDERJ. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 20, n.1, p. 129-138, jan./abr. 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Regina-Cianconi/publication/260183750_MATTOS_FILHA_M_F_CIANCONI_RB_Bibliotecas_na_Educacao_a_distancia_caso_do_Consorcio_CEDERJ/links/00b7d52fe92b2a4909000000/MATTOS-FILHA-M-F-CIANCONI-RB-Bibliotecas-na-Educacao-a-distancia-caso-do-Consorcio-CEDERJ.pdf Acesso em: 19 set. 2022.

FLORES, Angelita Marçal. O feedback como recurso para a motivação e avaliação da aprendizagem na educação a distância. *In: Congresso Internacional ABED de Ensino à Distância*. 15., Fortaleza, 2009. **Anais [...]**. Fortaleza. 2015. p. 1-10. Disponível em: <https://ceduc.unifei.edu.br/wp-content/uploads/2020/05/O-feedback-como-recurso-para-a-motiva%C3%A7%C3%A3o-e-avalia%C3%A7%C3%A3o-da-aprendizagem-na-ead.pdf> Acesso em: 11 jul. 2022.

FONTES, Adriana da Silva et al. Contribuições Para O Ensino: Plataforma Moodle. **Formação@ Docente**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-izabela/index.php/fdc/article/view/2237/1232> Acesso em: 13 jul. 2022.

FURTADO, Renata Lira et al. Comportamento Informacional de Usuários de um Telecentro. **Ponto de Acesso**, Bahia, v. 9, n. 2, p. 30-49, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/7025> Acesso em: 02 out. 2022.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Competência em Informação: conceitos, características e desafios. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, Paraíba, v. 2, n. 1, p. 5-9, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41315> Acesso em: 23 jul. 2022.

GAVA, Gustavo Luiz; ULTRAMARI, Clovis. O fenômeno urbano da educação online: ambiente virtual e planejamento neurocognitivo de ciberespaços. **Revista Projetar-Projeto e Percepção do Ambiente**, Rio Grande do Norte, v. 7, n. 1, p. 71-88, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/26121> Acesso em: 23 jul. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Luiz Fernando. EAD no Brasil: perspectivas e desafios. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 18, p. 13-22, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/8GbQ8WCyB5qGM44ZY4MGj4J/abstract/?lang=pt> Acesso em: 19 jul. 2022.

HAAS, Celia María *et al.* As políticas brasileiras para a Educação Superior a Distância: Desafios da expansão. **Revista História de la Educación Latinoamericana**, Colômbia, v. 21, n. 32, p. 193-226, 2019. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0122-72382019000100193&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 18 jul. 2022.

HAAS, Célia Maria; GARCIA, Gladys Roberta. Desafios e perspectivas para a carreira docente em um cenário de expansão da Educação Superior a Distância nas Instituições Privadas. **Revista Paradigma**, São Paulo, v. 42, n. Extra2, p. 102-121, 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7998467> Acesso em: 17 jul. 2022.

HETKOWSKI, Tânia Maria. Ambientes Virtuais de Aprendizagem e prática pedagógica. In: COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE EAD E AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM, 1, 2007. Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2007. p. 1-8. Disponível em: <https://www.comunidadesvirtuais.pro.br/colouiolusobrasileiro/09.pdf> Acesso em: 23 jul. 2022.

JANSEN, Jacques Alan Tudes; COSTA, Woney de Jesus Campos. **A importância das tecnologias para a educação à distância**. Maranhão, UFMA, 2017. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/2834/1/JACQUESJANSEN.pdf> Acesso em: 01 jul. 2022.

JUNQUEIRA, Eduardo S. A Navegação dos Alunos nos Fóruns Virtuais e a Aprendizagem Colaborativa. **HOLOS**, Rio Grande do Norte, v. 1, 2019. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/5957> Acesso em: 11 set. 2022.

LAPA, Andrea; PRETTO, Nelson De Luca. Educação a distância e precarização do trabalho docente. **Em aberto**, Brasília, v. 23, n. 84, p. 79-97, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/5569/1/1792-7441-1-PB.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2022.

LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos. **Educação a distância: o estado da arte**.

São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/56024652/Livro_Educacao_a_Distancia_o_esta_do_da_arte_parte_1-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1666184614&. Acesso em: 03 jul. 2022.

MARTÍNEZ-SILVEIRA, Martha; ODDONE, Nanci. Necessidades e comportamento informacional: conceituação e modelos. **Ciência da informação**, online, v. 36, p. 118-127, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/KrG78hPcXjDbCyKLHWMcKNP/abstract/?lang=pt> Acesso em: 13 out. 2022.

MARTINS, Diego de Oliveira *et al.* Ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) como ferramentas de apoio em ambientes complexos de aprendizagem (ACAs). **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, São Paulo, v. 15, 2016. Disponível em: <http://seer.abed.net.br/index.php/RBAAD/article/view/277> Acesso em: 10 jul. 2022.

MARTINS, Elder Thafarel da Câmara. **Análise da atuação do bibliotecário universitário de Natal/RN no Serviço de Referência Virtual (SRV)**. 2016. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Curso de Graduação em Biblioteconomia, Natal, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/39773> Acesso em: 18 jul. 2022.

MENEGOTTO, Daniela Brun. **Práticas didáticas em ambientes virtuais de aprendizagens**: modificações da ação docente. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Porte Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/117573> Acesso em: 17 jul. 2022.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. Dificuldades na educação a distância online. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2007. **Anais [...]**. p. 2-5. Alagoas, UFAL, 2007. Disponível em: <https://www.abed.org.br/congresso2007/tc/55200761718PM.pdf> Acesso em: 5 jul. 2022.

MORAN, José Manuel. Como utilizar a Internet na educação. **Ciência da informação**, online, v. 26, n. 2, p. 146-153, 1997. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/700> Acesso em: 17 jul. 2022.

MUGNOL, Marcio. A educação a distância no Brasil: conceitos e fundamentos. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 27, p. 335-349, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/3589/3505> Acesso em: 7 jul. 2022.

MUNHOZ, Augusto Maciel; CARNEIRO, Maria Lúcia Fernandes. Ambientes virtuais de aprendizagem como apoio ao ensino da Biblioteconomia. **BIBLOS**, Rio Grande, v. 23, n. 2, p. 77-84, 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/22756> Acesso em: 19 jul. 2022.

NACHEF, Cristina Gallo Pedreira. **Comportamento informacional de**

bibliotecários do sistema universitário de bibliotecas da Universidade Federal da Bahia. 2019. Tese (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34848> Acesso em: 1 out. 2022.

OLIVEIRA, Carloney Alves de. Um olhar sobre o aprender e o navegar com as interfaces disponíveis no Moodle: o aluno online no curso de Licenciatura em Física a distância da UAB/UFAL. **Sistemas, Cibernética e Informática**, Online, v. 8, n. 2, 2011. Disponível em: <https://www.iiisci.org/journal/pdv/risci/pdfs/HXA589ZA.pdf> Acesso em: 15 jul. 2022.

OLIVEIRA, Emerson Roberto de; NASCIMENTO, Cinara Ourique do. Os novos desafios da educação a distância no Brasil. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, Acre, v. 7, n. 1, p. 512-524, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/2977> Acesso em: 10 jul. 2022.

OLIVEIRA, Francisco Ariclene; SANTOS, Ana Maria Sampaio dos. Construção do Conhecimento na Modalidade de Educação a Distância: Descortinando as Potencialidades da EaD no Brasil. **EaD em Foco**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2020. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/799> Acesso em: 8 jul. 2022.

ORELO, Eliane Rodrigues Mota; CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira da. O bibliotecário e a competência informacional. **Informação & Sociedade**, Paraíba, v. 23, n. 2, p. 25-32, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/91351> Acesso em: 10 out. 2022.

PADILHA, Emanuele Coimbra; SELVERO, Caroline Mitidieri. A importância da motivação no ensino a distância (EAD). In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM LETRAS, **Anais [...]**. p. 19-22, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/4328128-A-importancia-da-motivacao-no-ensino-a-distancia-ead.html> Acesso em: 13 jul. 2022.

PEREIRA, Alice Theresinha Cybis *et al.* **AVA-Ambientes Virtuais de Aprendizagem em Diferentes Contextos**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda, p. 4-22, 2007.

PIRES, Erik André de Nazaré *et al.* Comportamento informacional e processo de busca da informação: bases fundamentais para pesquisa científica. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Santa Catarina, v.1, n. 2, p. 288-307, 2012. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/845/pdf> Acesso em: 13 out. 2022.

PRADO, Edna Cristina do; ROSA, Ana Cristina Silva da. A interatividade na educação a distância: avanços e desafios. **EccoS–Revista Científica**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 169-187, 2008. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/950/1010> Acesso em: 26 jul.

2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cezar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2 ed, Rio Grande do Sul: Universidade Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao> Acesso em: 11 jul. 2022.

ROZADOS, Helen; BARBALHO, Celia Simonetti. Graduação a distância em biblioteconomia: a parceria do CFB com a UAB. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, p. 447-464, 2015. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/521> Acesso em: 11 jul. 2022.

RUSSO, Mariza *et al.* Formação em Biblioteconomia a distância: a implantação do modelo no Brasil e as perspectivas para o mercado de trabalho do bibliotecário. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 61-81, 2012. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2015/12/pdf_0a68dc5723_0000011946.pdf Acesso em: 07 jul. 2022.

SABBATINI, Renato M.E. Ambiente de ensino e aprendizagem via Internet: a Plataforma Moodle. **Instituto EduMed**, São Paulo, v. 7, 2007. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-PT&user=sacC1FAAAAAAJ&citation_for_view=sacC1FAAAAAAJ:SP6oXDckpogC Acesso em: 15 jul. 2022.

SALVADOR, Pétala Tuani Candido de Oliveira *et al.* Estratégias de coleta de dados online nas pesquisas qualitativas da área da saúde: scoping review. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Rio Grande do Sul, v. 41, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rngen/f/a/ZTDgnm7Y8f8KhKr6jbCKddK/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 07 out. 2022.

SAMPIERE, Roberto Hernández *et al.* **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013. Disponível em: https://aprender.ead.unb.br/pluginfile.php/313131/mod_forum/attachment/663072/SAMPIERE%2C%20COLLADO%20E%20LUCIO%20%282013%29%20-%20CAP%20C3%8DTULOS%201%20E%202.pdf Acesso em: 07 out. 2022.

SANTOS, Andréa Pereira; CALDAS, Fernanda Corrêa. Comportamento informacional e avaliação de serviços bibliotecários. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 26, n. 1, p. 91-101, 2016. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/45628> Acesso em: 01 out. 2022.

SEBASTIÃO, Ana Paula Ferreira. A utilização do Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle em uma instituição de ensino superior pública. **Revista Profissão Docente**, Uberaba, v. 15, n. 32, p. 131-139, 2015. Disponível em: <https://revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/838/1135> Acesso em: 06 jul.

2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013. Disponível em: [https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulga%C3%A7%C3%A3o/LIVRO S/Metodologia_do_Trabalho_Cient%C3%ADfico_- _1%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o_-_Antonio_Joaquim_Severino_-_2014.pdf](https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulga%C3%A7%C3%A3o/LIVRO%20S/Metodologia_do_Trabalho_Cient%C3%ADfico_-_1%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o_-_Antonio_Joaquim_Severino_-_2014.pdf) Acesso em: 10 jul. 2022.

SILVA, Carlos Robson Souza da *et al.* Contribuições do Modelo de Carol Kuhlthau para a Pesquisa sobre Comportamento Informacional e Competência em Informação no Brasil. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 25, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/49975> Acesso em: 13 set. 2022.

SILVA, Fernando Carlos Alves da *et al.* Ambientes virtuais de aprendizagem: o uso das tecnologias da informação e comunicação na prática pedagógica. **Revista Itinerarius Reflections - UFG**, Jataí, v. 10, n. 2, 2014. Disponível em: [https://revistas.ufg.br/index/search/authors/view?givenName=Fernando%20Carlos%20Alves%20da&familyName=Silva&affiliation=Universidade%20Estadual%20de%20Goi%C3%A1s%20%28UEG%29&country=BR&authorName=Silva%2C%20Fernand o%20Carlos%20Alves%20da](https://revistas.ufg.br/index/search/authors/view?givenName=Fernando%20Carlos%20Alves%20da&familyName=Silva&affiliation=Universidade%20Estadual%20de%20Goi%C3%A1s%20%28UEG%29&country=BR&authorName=Silva%2C%20Fernando%20Carlos%20Alves%20da) Acesso em: 27 jul. 2022.

SOUZA, Aurea Celeste Pires de; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Competência em informação e as diferentes gerações. **Revista Brasileira De Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 1–20. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1658> Acesso em: 13 set. 2022.

TORNQUIST, Andressa. Panorama dos Cursos de Graduação em Biblioteconomia a distância oferecidos no Rio Grande do Sul (RS). **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 23-45, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/160713> Acesso em: 25 set. 2022.

VASCONCELOS, Cristiane Regina Dourado *et al.* Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) na educação a distância (EAD): um estudo sobre o Moodle. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 15545-15557, 2020. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/8165> Acesso em: 02 set. 2022.

VAZ, Mirian Luzia de Lima *et al.* Os desafios da educação à distância On-line e a remotividade na nova engenharia educacional. **Brazilian Journal of Science**, Goiás, v. 1, n. 4, p. 79-86, 2022. Disponível em: <https://brazilianjournalofscience.com.br/revista/article/view/79> Acesso em: 07 set. 2022.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. Educação a Distância e Tecnologias: conceitos, termos e um pouco de história. **Revista Magistro**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 2010. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/viewFile/1197/801>

Acesso em: 01 set. 2022.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Dimensões da competência informacional. **Ciência da Informação**, Online, v. 40, p. 99-110, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/SjcbWRPPfNPjhF5DhFTSkcv/?format=html> Acesso em: 01 set. 2022.

WILSON, Thomas D. Human information behaviour. **Information Science**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 49-54, 2000. Disponível em: <https://informationr.net/tdw/publ/papers/2000HIB.pdf> Acesso em: 13 fev. 2022.

WILSON, Thomas D. Models in information behaviour research. **Journal of documentation**, online, v. 55, n. 3, p. 249-270, 1999. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/EUM0000000007145/full/html> Acesso em: 13 fev. 2022.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: Planejamento e Métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

YONEZAWA, Wilson Massashiro; BARROS, Daniela Melaré Vieira (Ed.). **Ead, tecnologias e TIC**. Grande Dourados. 2013. Disponível em: https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/book/55 Acesso em: 08 set. 2022.

APÊNDICE A – TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO**

Este questionário faz parte do trabalho de conclusão do trabalho de conclusão de curso intitulado: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO INFORMACIONAL DIGITAL DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: ESTUDO DE CASO DO CURSO DE BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA EAD DA UFS, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Alessandra dos Santos Araújo. Gostaríamos que você participasse da pesquisa supracitada, haja visto que irá contribuir para que os objetivos do trabalho sejam alcançados. O objetivo geral desta pesquisa é: Analisar o comportamento informacional dos alunos EAD do curso de Bacharelado em Biblioteconomia EAD da UFS com foco no ambiente virtual de aprendizagem (AVA).

Qualquer dúvida quanto ao questionário ou outras informações sobre o trabalho, favor me contatar: alcimar3@academico.ufs.br

Desde já, agradeço a sua atenção.

Atenciosamente,

Alcimar da Silva.

Declaro participar voluntariamente desta pesquisa e que fui devidamente informado (a) sobre seus objetivos.

() sim, aceito.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DIGITAL

1. Qual sua faixa etária:

- ☐) até de 18 anos
- ☐) 19 a 24 anos
- ☐) 25 a 34 anos
- ☐) 35 a 44 anos
- ☐) 45 a 54 anos
- ☐) 55 a 64 anos
- ☐) 65 ou mais

2. Qual é o dispositivo tecnológico que você utiliza para acessar o curso?

- ☐) Smartphone (celular)
- ☐) Computador
- ☐) Tablet

3. Quais são os recursos digitais do AVA que você utiliza para desempenhar suas atividades do curso? Obs.: pode marcar mais de uma alternativa.

- ☐) Somente o Caderno UAB
- ☐) Vídeos postados pelos professores
- ☐) Áudios postados pelos professores
- ☐) Artigos disponíveis de apoio nas tarefas

4. Das ferramentas do AVA, qual (s) a que você usa com mais frequência? Obs.: pode marcar mais de uma alternativa.

- ☐) FÓRUNS DE DISCUSSÃO: espaços para discussão de temas relacionados ao curso, onde os alunos podem interagir entre si e com os professores.
- ☐) CHAT: ferramenta de comunicação em tempo real, que permite a troca de mensagens entre os participantes.
- ☐) E-MAIL: canal de comunicação entre alunos e professores, utilizado principalmente para questões mais específicas e individuais.
- ☐) BIBLIOTECA VIRTUAL: repositório digital com materiais de estudo, como livros, artigos, vídeos e outros recursos.
- ☐) APENAS O ESPAÇO DESTINADO AO CONTEÚDO DA DISCIPLINA

5. Com que frequência você utiliza os recursos digitais ofertadas pelo AVA para realização do curso de biblioteconomia à distância?

- ☐) Diariamente
- ☐) Uma vez por semana
- ☐) A cada quinze dias
- ☐) Uma vez por mês

() Somente na semana das avaliações

6. Qual é o tempo médio que você gasta navegando nos recursos digitais do curso por semana?

() De 1 a 2 horas

() De 2 a 4 horas

() De 4 a 6 horas

() Não acesso o curso com a frequência semanal

7. Qual seu nível de conhecimento dos recursos tecnológicos ofertados pelo AVA?

() Alto: Conheço todos os recursos do AVA e os utilizo com facilidade.

() Médio: Tenho um conhecimento razoável dos recursos do AVA, mas ainda tenho dificuldades em algumas tarefas.

() Baixo: Tenho um conhecimento limitado os recursos do AVA e muitas vezes preciso de ajuda para utilizá-los.

() Nenhum: Não conheço todos os recursos do AVA e não sei como utilizá-los.

8. Quais são as dificuldades que você enfrenta ao utilizar os recursos digitais do curso? Obs.: pode marcar mais de uma alternativa.

() Falta de habilidade tecnológica para utilizar os recursos digitais.

() Problemas de conexão à internet, baixa velocidade de conexão.

() Problemas técnicos nos equipamentos que utilizo.

() Falhas na plataforma ou na infraestrutura tecnológica da universidade.

() Dificuldade de compreensão das instruções de uso da plataforma.

() Falhas de retorno às dúvidas junto aos tutores.

() Nenhum.

9. Qual é o seu nível de satisfação em relação aos recursos digitais fornecidos pelo AVA?

() Muito satisfeito: estou muito feliz com os recursos digitais disponibilizados pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e considera que eles são úteis e eficazes para o meu aprendizado.

() Satisfeito: estou satisfeito com os recursos digitais disponibilizados pelo AVA e acredito que eles são úteis para o meu aprendizado, mas pode haver algumas melhorias que poderiam ser feitas.

() Insatisfeito: estou insatisfeito com os recursos digitais fornecidos pelo AVA e acredita que eles não são úteis ou eficazes para o meu aprendizado.

() Neutro: não tenho uma opinião forte sobre os recursos digitais fornecidos pelo AVA e considero que eles são em grande parte neutros ou indiferentes para o meu aprendizado.

10. Você acredita que as dificuldades de acesso e uso dos recursos ofertados pelo AVA interferem em seu aprendizado?

() Sim

() Não

() Outro: _____